

Rapsódia de Amor



Os Devaneios
de um Cupido

ALEXANDRE RIBEIRO

Dedicado a algumas
pessoas muito especiais:

À minha família: minha mãe (Idária), as minhas cunhadas (Rosana e Leda), aos meus irmãos (Daniel e Moisés), aos meus sobrinhos queridos e amados (Fabiana, Flaviana e Fábio) a minha idolatrada sobrinha (Fernanda), ao meu pai que partiu, mas que é o espelho da minha vida, e ao meu amado Jesus (o dono dela).

Aos amigos: Flávio de Souza, Suzana Barbi, Fábio Codonho, Ian Moraes e Josadarck e a uma realmente especial, que para mim é uma inspiração, eu jamais esquecerei, obrigado, Sirlene Rosa.

Sumário

PREFÁCIO	4
AQUELA MULHER, AQUELE HOMEM, NAQUELE TREM...	6
CUPIDO...	10
AOS OLHOS DE QUEM AMA	11
CUPIDO...	13
AMOR E OUTRAS MAGIAS	14
CUPIDO...	33
PERFUME ALMISCARADO	34
CUPIDO...	38
QUANDO O AMOR ACONTECE	39
CUPIDO...	84
SANTA GENI	86
CUPIDO:	91
A VIDA URGE O AMOR PODE ESPERAR?	92
CUPIDO...	96
DESPERTANDO O DESEJO	97
POSFÁCIO	100

Prefácio

Sabem, minha vida nunca foi muito fácil... Nascido sob as asas “DELE”, eu que tantas vezes embalei a tantos com os mais puros pensamentos de paixão e, às vezes, com uma pitadinha de luxúria. Hum!!! Excitante não? Porém, em se tratando de mim, descobri que este meu pequeno fardo eu teria que carregar sozinho.

Pois é, a vida deste depauperado não é mesmo lá muito fácil. Eu até pedi a minha mãe (Vênus) a senhora “DELE” que me desse uma chance. Mas não. Estava destinado a apenas conhecê-lo; tocá-lo, pois não contrariando a sua vontade fui incumbido de trazê-lo ao mundo. Chorei em alguns anos de minha existência, eu confesso, mas deixar meus pensamentos serem abalados por “ELE” era um luxo que eu desisti de cobiçar. No entanto, “ELE” em toda a sua dimensão se fez mais que cobiçoso, mais que instigante, mais que inapropriado em todos os ensejos...

Se não sabem de quem falo, protesto que deveriam se sentir felizes, pois ficar preso por seus grilhões significa, na essência da palavra, perder a liberdade, render-se à loucura. E quantos não perderam a lucidez em nome “DELE”? Eu que bem sei, pois sou testemunha de todos os seus enlaces.

Confesso que por “ELE” fui levado aos mais sórdidos intentos... Pobre de mim, Cupido incauto, que tem que dispersar o “AMOR” por onde passa, sem nunca saber o seu sabor. Ah, bem, acabei revelando a grandeza do meu dissabor, sou o Cupido, o anjinho sem asas, mas não me julguem mal, afinal, a vocês, meros mortais, venho os cercando de momentos auspiciosos, repletos de significados e de tantas esperanças que certamente dirão: - Dá-lhe Cupido Virtuoso!!!

E há quem professa que este “AMOR”, tão sublime, é a mola que move o mundo. Eu particularmente prefiro pensar que estão certos, já que assim, a minha existência não passa tão despercebida. Sou o Cupido, ainda que não acredite “NELE”, no “AMOR”, mas não posso incorrer no risco de demonstrar ao mundo que a minha carreira não tem significado.

Porém protesto! Estou farto dos seus rompantes amorosos, de suas paixonites que consternam. E para ser sincero, estou farto da minha existência sem brilho. São tantos os momentos, os intentos deflagrados, deflorados. Ai minha alma que anda tão vagueante! No fundo, viver tantos anos sem uma perspectiva verdadeira me deixou meio aturdido.

Não digo que ao final ainda provarei minhas certezas... E não me julguem um desprovido, até um cupido já teve os seus momentos, porém nunca me permiti seguir adiante, Psique que o diga (Minha amada esposa que jamais teve a chance de continuar me amando). Ela passou, e eu ainda aqui, vagueando, ou melhor, cumprindo o meu beneplácito...

Bem, se me dão licença, tem uma moça ali parada num banquinho, e mesmo sabendo que não precisam de mais essa explicação, pois agora já entendem tudo! Ela ainda não percebeu que o amor de sua vida a está procurando. E como não sou dado às falácias, eis-me aqui novamente...

Aquela Mulher, aquele Homem, naquele trem...

Bem, vamos então começar a nossa história, e como toda a história tem um plano de fundo maravilhoso, vamos pensar em algo bem interessante para a nossa personagem. Ah, claro, tem que ser uma mulher, as mulheres sempre são tão enigmáticas e atrativas...

- Cara leitora que lê esse ensaio, sei que certamente vai se identificar com o esse afago proposital, e o nobre companheiro de lida que como eu as ama, se sentirá homenageado. Então, até este momento, penso eu na minha vã ignorância que estou indo bem.

Agora já sabemos que haverá uma jovem mulher, e que ela precisa ser bela é claro! Também precisa ter um algo a mais. Mas deixemos isso para outro momento, vamos falar do cenário, pois sem um cenário convidativo é impossível pensarmos nesta nossa pequena ilustre, a protagonista da nossa história que até este instante nos soa meio irreal.

Ajudem-me, por favor: - Que cenário poderia ser mais atrativo neste pequeno ensejo? Hum, quem sabe uma praia, o que acham? Vejamos, tenho a pequena impressão que uma praia não refletiria a inteligência e a singularidade desta nossa querida

personagem; mas acredito que precisa haver um sol, vibrante e brilhante.

Sabem... Eu não sei ao certo o porquê desta sensação, mas não estou muito convencido sobre o Sol, pois racionalizando melhor, penso que não ter um sol seria o mais acertado, afinal, dias nublados de chuva parecem produzir uma necessidade de calor humano, de uma aproximação. Então, digamos que neste cenário nossa protagonista terá que encarar um dia meio soturno, de chuva. Acho que estou chegando lá, será que estou certo?

Digamos que já estamos entendidos sobre esse assunto, mas precisamos pensar um pouco nas motivações de nossa personagem. Ah sim, isso é importante, sem uma psique bem descrita ou uma alma e inteligência desejáveis, essa personagem pode incorrer no estereótipo de alguém sem brilho, desinteressante, insossa. O que acham de ela ser uma amante dos livros? Tenho a ligeira impressão que acertei, pois é bem pertinente para o nosso cenário em questão, se é que me entendem!

Então chegamos à conclusão que essa nossa personagem é uma mulher culta que adora os livros, mas eu não quero fazê-la sem graça, então vamos dar a ela um ar de Marilyn Moroe, ou seja, cabelos platinados, lábios rubros, seios fartos. Seria uma ótima pedida, tenho certeza, mas pensando bem, se ela fosse uma morena de cabelos negros de um olhar austero, talvez ficasse mais próximo da perspectiva desta nossa tão enigmática mulher, já que ela é uma leitora compulsiva.

Ficamos então no meio termo, ela é uma ruiva estonteante tal qual a Kate Blanchett. Ah, Kate Blanchett, como você estava linda de Elfa! E aquela vez em que encarnou uma vidente, hum... Estava um arraso. Oh, desculpem-me pelo interlúdio, não resisti ao momento, então ficamos assim, nossa pequena personagem

tem um ar enigmático e uma beleza exótica feita a nossa querida Kate Blanchett. Porém ainda insisto que se ela gosta tanto de ler, talvez devesse estar numa estação de trem.

Acho que a encontrei, soberba idéia, uma perspectiva que me parece muito auspiciosa. Bem, a mulher estava bem vestida, com um sobretudo imponente e um cachecol vermelho para aplacar aquela sensação de frio, como se o outono já estivesse dando lugar ao inverno.

Ah, agora julgo que ficou ótimo o nosso pequeno ensaio. Realmente acho que achamos o perfil da nossa personagem. E sabem, seria interessante que ela estivesse assentada num banquinho, esperando o próximo trem, mas está tão compenetrada em ler seu escritor favorito, John Keats, que o trem chega e ela acaba não o percebendo: O trem... Ainda na estação.

E então, neste mesmo enlace começa a nossa história...

O homem a viu e impossível foi não contemplar a beleza sublime daquela criatura, assentada num pequeno banquinho de uma estação deserta. Ele simplesmente a fitou, vibrando por essa oportunidade inigualável, uma mulher tão arrebatadoramente linda e tão imersa em sua própria realidade. Quão adorável e instigante para ele não foi contemplá-la. Ele apenas não sabia como se portar com aquela mulher tão estonteante que acabara abduzindo-o de seus sentidos. No seu íntimo, ele desejava que houvesse apenas uma oportunidade. Então sem que pudesse prever ela apareceu...

Enquanto o trem soava ensaiando a sua partida, ela desperta de seus momentos contemplativos, como se houvesse acordado de um sonho recompensador. Larga o livro no banco e corre em direção à cabine do trem.

Ele quase suspirou ao ver que na pressa ela havia se esquecido de pegar o seu tesouro precioso que também era o companheiro de todas as suas andanças, mascaradas por sua solidão. Um amigo inefável que alegrava os seus dias com perspectivas audaciosas e por demais desejáveis; mas que ele jamais poderia perscrutar.

Ele corre até ela, segura em seu braço e a ajuda a subir no vagão. Finalmente num ato de pura generosidade ou quem sabe de grande liberalidade (oportunamente) já que ansiou por esse momento durante aqueles vinte minutos em que o trem estava parado na estação; ele entrega o seu livro, olha profundamente em seus olhos e diz:

- Você não pode perder o seu tesouro!

Ela diante de tão galante cortejo e imensurável favor, responde:

- Obrigada, eu não sabia que o havia perdido.

Cupido...

Como vêem basta a hora e a oportunidade! A jovem displicente que se sacia com poesias de alto teor sentimental e o jovem que se inunda por sua beleza virginal. Sou meio poético, reconheço, mas em se tratando de mim, diria que é ridiculamente aceitável.

Talvez seja essa minha necessidade de ver os sonhos realizados numa perspectiva que afaga o encontro das duas almas displicentes e solícitas, e em se falando de almas solícitas, vejam o que vem a seguir...

Confesso que esses aqui foram a minha obra prima, mas vou lhes contar um segredo, se querem saber. Eu nunca voltei para flechá-los novamente, sim, isso é fato, às vezes eu preciso renovar os ânimos de alguns humanos, mas quanto a esses, são um motivo de orgulho para mim, uma só flecha e...

Aos olhos de quem ama

Ela portava-se de pé na cozinha, como todos os dias em tantos anos ela esteve. Alheia ao olhar inquisitivo dele que estava sentado na mesa da copa. Seus cabelos amarrados não demonstravam nenhum cuidado aparente, sua tez já não era aquela que antes a favorecera, ainda assim, os olhos dele pairavam sobre o seu rosto, como se a vida e o ar lhe faltassem.

Ela descascava cebolas e então seus olhos, num impulso involuntário, começaram a lacrimejar, enquanto ele a observava como num suspiro longo, como se a vida naquele momento se tratasse daquele mesmo e único instante. Ela que, mesmo alheia a tudo, parecia dançar a dança mais sublime e sensual que um homem poderia desejar. Era assim que ele a admirava, pois cada gestual dela exprimia os desejos íntimos do seu coração, que parecia saltar do peito.

Repentina foi a lágrima que rolou de seu rosto, no mesmo instante em que ele se aproximou dela e com um de seus dedos o afagou. Ela o olhou ainda perdida em seus devaneios vendo seus olhos marcados pelo tempo, mas, ainda assim, vigorosos em sua direção. Ela sorriu para ele, enquanto ele tocou suavemente seus

seios com as pontas dos dedos que acabaram de afagá-la. Ela percebeu o desejo revoltado em cada um de seus movimentos e então sorriu, como se não houvesse mais tempo para aqueles gracejos, mas o tempo parecia não se importar. Então ele ergueu uma de suas pernas e a alisou como se uma fruta madura, um pêssego em furta-cor acabara de ser colhido.

Ali eles se amaram mais uma vez, o amor mais delicado e soberbo que o mundo poderia os proporcionar, pois nunca deixaram de ser os mesmos. Ele que a cortejara desde o primeiro momento e ela que jamais pôde se recusar a atender aos seus apelos.

Cupido...

Sim, uma obra prima... Notaram o quanto eles se mantiveram motivados? E uma só flechada, nem dá para acreditar! Deixaram-me orgulhoso, enaltecido, enrubescido de tanto prazer. Porém esses aqui me deram um pouco de trabalho. A verdade é que eu permaneci como coadjuvante, mas é que eu obtive ajuda externa, Vovó Mildred era muito fervorosa, resolvi aceitar ajuda. Aliás, não fosse a sua ajuda...

Amor e outras magias

Prólogo

Vovó Mildred era muito auspiciosa, seus desejos sempre a levaram aonde queria chegar. Doce como um favo de mel, onde passava deixava resquícios de sua amabilidade e sabedoria que eram abundantes. Lembro-me bem do quanto amava meu avô Harold, dizia que foi um de seus maiores feitos, já que o ganhou com uma Magia Poderosa.

Todos sorriam de seus devaneios, assim dizia minha mãe, mas eu acreditava na minha avó; era dotada de tantos recursos! Um dia tive coragem e perguntei que magia era aquela que tanto proclamavam, ela sorriu e apontou para uma estátua que residia no jardim, o Cupido. Eu sorri e não comentei mais nada.

Meus familiares chamavam-na de vovó Miracle, e por se sentir capaz de fazer realmente maravilhas, pois fé não lhe faltava, se apropriou do título. Quando completei meus quinze anos, eu e minhas amigas, Andrea, Julia e Samantha, fomos ao encontro de vovó Miracle para que nos falasse sobre esta tal Magia Poderosa. Estávamos todas melindradas pela beleza de

quatro dos jovens mais promissores do Condado de Essex (Inglaterra) e sem nenhuma expectativa de firmar compromissos...

- Vovó Mildred, eu e minhas amigas só sairemos daqui se contar-nos do que se trata aquela tal magia que me disse quando eu era menina. E diga com sinceridade, ela funcionou mesmo com o vovô Harold?

- Queridas, vieram ao lugar certo, vou relatar a vocês um poder que descobri, assim, por acidente, mas de muita eficácia. Lembram da estátua de Cupido no jardim de nossa casa?

- Sim, vovó Mildred! Anuímos com toda a presteza.

- Pois bem, eu e minhas três amigas, Jonelle, Abigail e Constance, diante desta mesma estátua, recitamos o mais antigo dos sortilégios de "AMOR" que acabou por arrebatat os corações de nossos amados!

- Mesmo?

- Ah sim! E como não seria assim? Já que o feitiço de Amor é o mais poderoso que há na Terra.

- E o que precisamos fazer?

- Diz a magia antiga que sob a luz do luar, quatro donzelas devem estar, e recitar as palavras do círculo perfeito, diante do vigia dos corações desavisados!

- O cupido?

- Ah sim, é muito importante, tem que ser diante do Cupido, a principal testemunha!

- Sim, e depois?

- Peguem as rosas, a branca, a rosa, a vermelha e a amarela!

- E o que significam?

- A branca para dar a serenidade;

- A rosa, para que o amado seja gentil;

- A vermelha para que a paixão vibre;

- E a amarela para que o amor seja um elo rico e perfeito.

- Fazendo assim, o feitiço entorpecerá de amor aqueles que serão o objeto dele!

- Tem certeza que isto deu certo, vovó Miracle?

- Mas claro que sim! Jonelle conheceu Rupert e se casou. Abigail o Donald e Constance o David. Bem, eu casei com o meu amado Harold.

- E então, estão animadas? Mas é imprescindível que estejam certas disso, pois para quebrar este encanto, precisa ser desfeito pelas quatro! E todas, é claro, perderão o amor dos amados. Entenderam?

- Ah sim, com certeza!

- Lembrem-se, assim que recitarem o feitiço entreguem as rosas para cada um dos pretendentes, senão não funcionará.

- Está muito bem, amanhã, sob a luz do luar, daremos um jeito de trazer o Ronald, o Andrew, o Robert e o Daniel aqui, e veremos se esta tal magia é mesmo providencial!



No dia previsto, Laura chamou as meninas e foi logo passando as coordenadas:

- Andrea, espalhe o boato de que haverá uma festa amanhã lá pelas oito da noite. Convide o Andrew e peça que chame os outros três moços, faça-o prometer que virão.

- Está bem!

- Julia, você comprará as fitas!

- Tudo bem!

- Samantha, você se encarregará das flores!

- Ok, mas e você Laura, o que fará?

- Eu vou tratar de aprontar a tal festa, trazer os petiscos e as bebidas. Está bem?

- Sim, está muito bem!

Às sete e quarenta e cinco, as meninas se reuniram frente ao Cupido e entoaram o feitiço que a vovó Miracle havia lhes dito, dançaram em torno do anjo com as quatro rosas em punho. Quando terminaram o ritual, esperaram que os meninos aparecessem. Ao ouvirem as quatro vozes e, por estarem muito aflitas pela indecisão do momento, sobre o muro lançaram as rosas e correram.

Os meninos prontamente as pegaram, achando aquilo tudo muito estranho. Com as rosas nas mãos foram até as meninas que

estavam sentadas nos balanços que ficavam no jardim e as entregaram.

- Meninas como vão? Viemos para a festa!

- Olá Robert, Andrew e Daniel, tudo vai bem com vocês?

- Onde está o Ronald?

- Laura, sentimos, mas o Ronald não pôde vir, por isso chamamos o nosso amigo John.

- John, o gorducho? Quero dizer, o primo forte do Ronald?

- Sim, ele mesmo! Venha John, elas o estão esperando!

- Rapazes, fiquem aqui por um instante, por favor!

- Meninas venham comigo!

- O que foi Laura?

- O Ronald não veio, temos que desfazer o feitiço!

- Ah não! Sinto muito Laura, mas eu não vou desfazer feitiço nenhum!

- Mas Andrea, o John vai ficar apaixonado por mim, o que farei?

- Olha Laura, concordo com a Andrea, não vou desistir do Daniel.

- Sinto muito Laura, mas o Robert é muito precioso para mim, não vou perder a oportunidade.

- Você mesmo disse que não acreditava em feitiços!

- Mas meninas, o que eu farei se for verdade?

- Ah, tente se aproximar dele, talvez goste de sua alma!

- Samantha!

- Ah, sinto muito, vamos meninas! Quanto a você Laura, trate de curtir a festa e na dúvida, fale com a vovó Miracle.



A noite foi, por demais, vantajosa para as três amigas; os rapazes realmente as favoreciam e davam indícios de que eram afeitos às meninas.

Quanto a Laura, estava irascível. John se esmerou para não aborrecê-la. Ele ouviu o que ela havia dito sobre ele (o primo gorducho), mas fingiu não se incomodar com o incidente.

Na verdade John era um rapaz muito amável, mas solitário. Não tinha muito jeito com as mulheres, porém as tratava com muita cortesia. E claro, ele não esperava nada daquela noite, pois sabia que a tal festa era um encontro disfarçado.

John, ainda que meio aturdido, resolveu esboçar alguma reação... E então, sofrível, mas corajosamente, perguntou a Laura:

- Laura, gostaria de andar um pouco? Todos estão totalmente embalados pela conversa, e só nós estamos meio deslocados! Podíamos ao menos conversar, o que acha? Prometo não ser impertinente. Gostaria de caminhar comigo pelo jardim?

Laura respirou fundo, mas sem poder dizer não, replicou que sim.

- Laura, a casa de seus pais é muito bonita!

- É dos meus avós!
- Você já fez quinze anos este ano, não é mesmo?
- Sim, fiz!
- E será apresentada à sociedade?
- Por que de tantas perguntas, John?
- Bem, você podia convidar o Ronald para dançar com você!
- Como?
- Desculpe, não quis ser impertinente, é que sei que gosta do meu primo.
- Como sabe disso?
- Desculpe Laura, não quis ser intrometido, mas eu percebo como fica perto dele.
- Ora, como você é impertinente!
- Eu sinto muito, não quis ofendê-la!
- Não me ofendeu, mas diga-me, como eu fico?
- Bem, seus olhos brilham e fica suspirante como se lhe faltasse o ar!
- E como você sabe destas coisas?
- As pessoas que pouco conversam, muito observam! Não que eu seja enxerido, mas eu a observo muito... Digo, eu a observo... Não, eu observo muito! Remendou gaguejante...
- John, você gosta de mim?

- Não Laura, de maneira nenhuma, não pense assim. Eu a observo, pois o Ronald gosta de você, entende? É isso!

Nesta manobra John desconversou-se o mais que pôde, para não ser descoberto de seu amor velado, mas acabou por atrapalhar tudo.

- Ele gosta?

- Sim, gosta sim, tenho certeza que sim!

- Oh, meu Deus! Ronald gosta de mim, eu não acredito!

Laura beijou o rosto de John e o agradeceu imensamente, pois a pergunta que a atormentava já estava respondida. Correu em direção das meninas e em segredo revelou o que o John a havia confiado. Pena que se tratava de uma mentira, pois seu primo Ronald acabará de ficar noivo da mulher mais cobiçada de Harlow, a filha da aristocracia do Condado de Essex, Anjelica.

Porém aquela noite foi muito tranqüila, as jovens conseguiram a atenção dos seus garbosos e galantes cavalheiros, enquanto Laura se regozijava com a idéia de que Ronald, futuramente, a pediria em casamento.

Às onze as meninas se despediram e os rapazes seguiram seu caminho fazendo juras e promessas de que as veriam novamente.

Laura, por sua vez, agradeceu ao John, e desejou felicidades... Agradeceu também ao fato de poder ter nele um amigo.

Como que com uma facada em seu coração, John se despediu agradecendo o convite, e seguiu seu caminho.



No dia seguinte, como já previsto, as meninas correram para a vovó Miracle e disseram que a magia havia funcionado. Então Laura as interrompeu:

- Como funcionou? Que magia que nada! Ronald não veio vovó, mas nem por isso perdi as esperanças, apesar da magia fajuta, agora sei que Ronald me ama!

- Que bom!

- Vovó Miracle, a senhora concorda com a Laura?

- Tudo depende da fé de vocês, se acreditam que ela funcionou, certamente funcionou!

- Não funcionou! Eu garanto, pois se tivesse funcionado, John estaria apaixonado por mim agora!

- Com o John é claro que não funcionaria, afinal, ele já era apaixonado por você.

- O que disse Andrea?

- Laura, só você nunca se deu conta disso! Não vê como olha para você? Sempre a observando calado, é óbvio que a ama.

- Não seja tola, John garantiu-me que o faz por se apenas solitário, e também por querer que seu primo seja feliz, afinal, Ronald me ama!

- Laura, você já leu o jornal de hoje?

- Não, acordamos agora, por que pergunta Samantha?

- Laura, eu sinto muito!

- O que está dizendo Sam? Dê-me este jornal?

- Oh, não! Não! Não! Não! Por quê? Não, não pode ser!
Subitamente Laura correu aos prantos e trancou-se no seu quarto.

- O que foi Sam? O que está escrito neste maldito jornal!

- Ronald ficou noivo de Anjelica!

- Não acredito, dê-me este jornal!

- Não, não, não posso acreditar no que leio! Oh não Julia, é verdade? Pobre Laura!

As meninas então correram para o quarto e bateram incessantemente a porta:

- Laura, deixe-nos entrar!

- Não, vão embora daqui!

- Mas Laura, nós não tivemos culpa!

- Foi o feitiço Sam, vocês não quiseram desfazê-lo!

- Laura, por favor, deixe-nos entrar!

- Não, sumam daqui!

- Sua tola, se pensa que vamos sair daqui com a cabeça entre as pernas, está enganada, abra esta porta!

- Quem está falando deste jeito?

- Sou eu, Julia!

- Julia, você não é assim!

- Cale-se Laura e abra esta porta, é uma ordem!

- Está bem! Está bem!

- Laura, pare de chorar pelo Ronald, ele teve a chance dele, sabia que você o amava!

- Mas como ele sabia?

- Ora Laura, todos em Harlow sabe que você é apaixonada pelo filho do general!

- Mas se ao menos eu pudesse...

- Não seja tola Laura! Ele não a merece, sempre se fez de importante, jamais se mostrou afeito a você, não ouse sofrer por este infeliz!

- Calma Julia, não vê que Laura está sofrendo?

- Basta, Todas vocês!

- Laura, você vai encontrar alguém que a mereça, eu tenho certeza disso!

- Agora, vamos dar um banho nesta menina, e trate de vestir as peças mais lindas do seu vestuário, pois hoje vamos à casa dos Duces, esqueceu que Amelia nos chamou para o chá da tarde?

- Não posso!

- Basta, eu já disse, pode sim e não se fala mais nisso!



Os meses passaram e Ronald realmente desposou Anjelica, o casamento foi muito pomposo e mereceu um grande destaque, pois a neta da aristocracia compareceu a cerimônia.

Decidida, Laura abordou sua avó pedindo que intercedesse por ela:

- Vovó Miracle?

- Olá minha querida! Você está bem?

- Sim, estou. Vovó eu preciso ir para Oxfordshire!

- Você precisa falar com seu pai.

- Quero estudar Letras, estou perdendo tempo aqui em Harlow, você precisa me ajudar!

- Querida, você vai superar isso.

- Já superei vovó, por isso preciso sair daqui.

- Mas Laura...

- Fale com meu pai, não vou mudar de idéia!

- Está bem querida! Mas já que está tão decidida, vou com você!

- Vovó? Por quê?

- Não vou deixar minha neta adorada perdida em Oxfordshire sozinha.

- Está muito bem, vamos nós duas!



Os anos passaram e Vovó Miracle e Laura fixaram residência em Oxfordshire. Laura se formou com louvor na Universidade de Oxford e recebeu um convite para ministrar aulas em Essex. Então depois de seis anos de ansiedade e muito trabalho, Laura regressa a Harlow.

Quando voltou encontrou suas três amigas casadas e com filhos, e sem que pudesse sequer antever, casadas com os mesmos garotos que participaram daquele prelúdio de felicidade, o feitiço de “Amor” da vovó Miracle.

Elas se encontram para o chá e então vieram as boas notícias...

- Olá Laura, meu amor, quanto tempo que não nos vemos. Agora você faz parte do universo dos Intelectuais, meus parabéns! Disse Julia.

- É Julia, agora eu que dou às ordens. E sorriu...

- Andrea, então vocês todas estão casadas?

- Graças à vovó Miracle, o poder do feitiço foi infalível, assim que você mudou, os meninos foram se interessando mais e mais e assim que puderam nos pediram em noivado. E a conclusão você já sabe... Replicou Samantha.

- Que bom Sam!

- Pena que com você não deu certo Laura!

- Mas claro que deu, perdi um amor, mas vocês ganharam uma professora para os seus rebentos.

- Só você mesmo Laura!

- Sabia que o John também leciona aqui em Harlow?

- Mesmo, que bom, sempre tive nele um bom amigo!

- E por que diz isso?

- Está bem, a vocês eu posso confidenciar, foi idéia dele que eu me mudasse, e desde então sempre nos correspondemos, acredito que ele tenha sido um anjo amigo na minha vida.

- Nossa, será que o feitiço está dando indícios de que ainda funcionará?

- Não seja tola Samantha! Eu não vejo John há anos. Nem sei como ele é hoje! Vez ou outra nos falamos por carta, e isso, porque é muito atencioso, sempre se portou como um cavalheiro.

- Pois gostará de saber que ele é o mais influente dos docentes aqui de Harlow, e talvez se alegre de saber que ainda continua solteiro.

- Parem meninas! Vamos mudar de assunto?

Bem, aquela tarde foi muito agradável, pois as velhas amigas encontraram motivos para prosseguir em sua amizade, pois apesar de anos, elas se deram conta de que continuavam as mesmas.



Assim que chegou ao Centro de Ensino, Laura foi recepcionada por um rapaz muito garboso que a cobriu de atenções, um homem alto, vistoso, de olhos verdes e que parecia ser muito gentil.

- Como vai, Sra. York? Ficamos muito felizes com a sua chegada, ansiávamos por uma professora de literatura Inglesa há seis meses.

- Muito obrigada, como posso chamá-lo?

- Meu nome é Sr. Lancaster.

- Obrigada pela recepção, Sr. Lancaster.

- Bem se quiser pode me chamar de Laura.

- Pois bem Laura, espero que goste das instalações e se precisar de ajuda, procure-me na sala dos professores, estarei ao seu dispor.

- Sim Sr. Lancaster, mais uma vez obrigada!

- Chame-me de Joe, se quiser.

- Ah sim, Joe, com certeza, obrigada!



Laura já estava em Harlow fazia seis meses, e nada de ver o John, não teve mais contato com as amigas, pois lecionar tomava todo o seu tempo.

Até que um dia, ela sentou-se ao lado do Joe e começaram a conversar sobre as estratégias de ensino para o próximo verão.

Laura adorava as horas que passava com o Joe, já o admirava e nutria por ele alguns sentimentos de curiosidade, afinal, ele era um homem muito atraente. Fantasiava com a hora em que seria convidada para passearem juntos, ou coisa do gênero. Mas Laura, ainda assim, se ocultava daqueles

sentimentos, achava que não teria chances com o rapaz que fazia questão de ser muito cortês com ela.

- Laura, e então, tem gostado de lecionar aqui?

- Tem sido maravilhoso Joe. Sabe, você tem me ajudado muito na minha ambientação, fico feliz pelo seu apoio.

- Mesmo? Espero que tenha ajudado sim, afinal a tenho em alta estima.

- Obrigada!

- Ainda tenho uma pergunta a lhe fazer?

- Diga! Será que vai me convidar para um passeio, espero que sim. Pensou Laura.

- Você se graduou na Universidade de Oxford?

- Sim, como sabe?

- Estudei lá também!

- Na verdade, voltei antes de você para Harlow e o convite para que lecionasse aqui partiu de mim.

- Mas como?

- Eu também estudei em Oxford, mas cursei o curso de Matemática aplicada.

- Sim, mas não entendi o porquê de o convite ter partido de você?

- Laura, venho acompanhando sua trajetória há algum tempo.

- Joe, eu mal o conheço, está me assustando!

- Você não se lembra de mim, não é mesmo?

- Lembrar de você? Joe, eu só o conheço há seis meses!

- Tenho algo para você, que guardei de uma época em que gostava de ser considerado seu amigo. Não me ache um impertinente, por favor, mas eu preciso esclarecer certas coisas que acho que você não compreende.

Então Joe entregou à Laura a flor amarela que ela havia jogado para ele, no dia em que se conheceram.

- John, é você?

- Sim! Perdoe-me, mas é que você não se lembrava de mim.

- Mas claro que não, e que história é esta de pedir para que eu o chamasse de Joe?

- Não se zangue Laura. Na verdade, eu sempre assinei minhas cartas com este apelido, você não se lembra?

- John, é claro que não estou zangada, longe disto. Por Deus John, como você está diferente!

- Sim Laura, mas você não mudou nada! Está igual a como eu me lembro.

- John, por que não me falou que era você, agora me sinto uma tola!

- Tinha medo de que você fosse ficar magoada comigo!

- John, você sempre foi o meu melhor amigo e agora sei que se não fosse por você, hoje nem estaria aqui.

- E se não fosse por você Laura, eu perderia a razão de viver!

- John?

- Sim Laura eu a amo! Sempre a amei, não sabe o quanto eu sofri no momento em que meu primo se casou com Anjelica, a magoar dessa forma. Achei que não suportaria tamanha dor.

- Mas se me amava, por que ficou triste por Ronald se casar com Anjelica?

- Nunca quis que sofresse Laura, doe-me a alma quando você sofre...

O mundo então para Laura começou a fazer sentido, enquanto o amigo se esmerava em pedir-lhe desculpas, e explicar os infundáveis motivos que o levaram a se esconder dela. Ela olhava para ele, ansiando simplesmente por uma coisa...

Laura se levantou e com um dedo tapou os lábios de John, pegou-o pela mão e o levantou em seguida, olhou docemente para rapaz e, ainda naquela mesma atmosfera de desejo, o beijou. O beijo que selou o amor dos dois, tal qual o desejo do feitiço de Amor do Cupido.



Assim que chegou a casa, Laura foi ter com sua avó...

- Vovó, a Senhora é mesmo infalível, o feitiço deu certo, estou apaixonada por John!

- Minha Laura, não existe feitiço nenhum!

- Mas vovó!

- Querida, nós quatro éramos meninas quando conjuramos este sortilégio, mas acredite, eu não me casei com o homem a quem entreguei a rosa, na verdade, por uma feliz coincidência, Rupert era irmão do Harold. E então desposei o seu avô.

- Mas então não existe feitiço nenhum?

- Mas é claro que existe, o “AMOR” é a maior das magias, basta acreditar e se abrir para ele, então, verá coisas extraordinárias trabalhando a sua volta. É nisto que consiste o seu poder.

- Bom se é assim, então eu acredito que o feitiço funcionou.

- Bem querida, se você acredita, eu também!

Cupido...

Laura demorou um pouco, mas uma promessa feita diante mim, só podia dar em final feliz... É claro que eu a flechei muito depois, queria vê-la um pouco perdida. Ora, afinal, os finais felizes sempre vêm acompanhados de uma estória de tentativas sem sucesso. E em se falando de tentativas, por se tratar de um jovem muito convencido, Almicar bem que merecia acabar sendo enlaçado pela formosura do pedaço, mas eu desejava que ele tivesse sofrido um pouco mais...

Perfume Almiscarado

Almicar era um grosseirão, não tinha tato, não tinha cultura, vivia imerso na sua vida vazia, no entanto, instigante. As mulheres... Não sei bem o porquê, mas adoravam o seu jeito matreiro de olhar, algumas diziam sentir repulsa do jeito canalha de ser do pobre infeliz, mas ainda assim deixavam-se embalar pela sua gana, isto é, libido, se é que me entendem.

Almicar era o favorito da favela Nostra vita, que nada tinha de italiana (foi batizada graças a alguma novela brasileira), mas era muito suburbana, lá isso era. Bem, então estamos resolvidos, ele era um cafajeste, porém era o raio de cafajeste que mais se destacava na região. E na nossa querida favela nada napolitana, também havia a Nega Fulor, assim era como todos a chamavam, só que na verdade era Florisbela.

Ô Negra ferosa, mulata cor de pecado, um deleite para os transeuntes, pois quando passava podia se ouvir os batuques e os atabaques com a voz do negrinho da Beija-Flor cantando em tom maior ao fundo. Sabem que era natural pensar assim, nada há de preconceituoso nisso, já que as ancas da mulata eram sobejas, como um bocado de delícias.

E o inevitável então aconteceu, Almicar se apaixonou pela beldade do pedaço, a intocada, já que Nega Fulor negava seus dotes a qualquer um que se achegasse cheio de boas intenções. Não que tivesse o rei na barriga, nem mesmo desejo de grandeza. Ela só queria ser feliz ao lado de alguém que arrebatasse o seu coração. Almicar apesar de ser um proponente insistente, era meio indeciso, pois hoje ele estava com a Janete, amanhã com a Lourdes e no sábado já tinha a agenda reservada para a Rubicléia de manhã e à tardinha para Jarilene.

Mas parece que quando a gente diz uma coisa, a vida vem e diz outra totalmente diferente, pois num dia de chuva como outro qualquer, o inesperado...

Florisbela chegou cedo da lida e deu de cara com Almicar que a abordou com um guarda-chuva e com seus olhos de cachorro pidão.

- Por favor, deixe ao menos que eu a leve em casa!

- Homem, não vê que já estou toda molhada?

Almicar sorriu, com um olhar faceiro e pensou: - Eu geralmente produzo esse efeito nas mulheres. Mas ao invés disso, disse:

- Só que não precisa chegar encharcada, isso seria um pecado!

- Está bem, vou aceitar a carona.

Eles subiram o morro juntos, um colado ao outro. No caminho, ela não se conteve e sentenciou:

- Olha Almicar, não que eu seja uma mulher esnobe, mas há de convir que seus galanteios são, no mínimo, duvidosos.

- Minha Flor, não pense mal de mim, sou um canalha, eu bem sei, mas meu coração jamais foi fígado por uma rosa como você.

- Ora homem, por que ainda insiste? Não sabe que eu jamais cederei aos seus apelos?

Disse isso e sentiu o perfume almiscarado de Almicar, e naquele momento fraquejou, enquanto ele a abraçava na cintura com vigor.

- Não sou um homem que afete tanto assim as mulheres, só sei tratá-las bem. Se me desse uma chance, veria que não sou tão desprezível.

O fogo do homem saltava-lhe da pele, ela se sentiu inebriada pelo perfume. Acabou tropeçando na hora em que ele a abraçou com mais força. Os olhos incendiavam em sua direção. Ela respirou fundo, mas não saiu voz alguma.

- E então minha Flor? Posso ter uma chance?

- Não, nãooooo! Não, claro que não! Não, não. Nãozinho...



O beijo, como sabem, rolou sem grande esforço, e os nãos se calaram naquela noite e sim, sim e sim, foi o que ela disse debaixo dos lençóis. Por certo era isso que queriam saber? Pois foi desse jeito mesmo que aconteceu...

Hoje ela tem dois filhos, um cabreiro feito o pai, jeitão de macho pegador e a outra, a Florinda, bela e incomparável, feiticeira como a mãe; feiticeira da sedução.

Já Almicar, graças a Florisbela anda com as rédeas mais curtas do que quando se casaram. Seu perfume almiscarado ainda costuma atrair a atenção das raparigas de Nostra Vita, mas está feliz de ter sido arrebatado pela Nega Fulor, a sua deusa do Ébano.

Como viram, a negra, de resposta que era, fispou o barbado. Mas fechou tanto o cerco, que sirigaita nenhuma, pois mais que se esmerasse, teve alguma chance outra vez.

Cupido...

Grande Almicar! Quisera eu pudesse ter umas aulas de etiqueta com esse moço bem intencionado. He... He... He... Hei o que estou dizendo? Assim vou acabar ficando desacreditado. Protesto que sou um Cupido muito eficiente, então, por favor, nunca duvidem nisso, está bem? Mas sabem, há momentos que eu até gosto de melindrar meus pobres amigos humanos. Vejam só o que eu fiz com a pobre Clara...

Quando o Amor acontece

O apartamento estava como sempre esteve. Os móveis cuidadosamente arrumados como se fossem instrumentos de uma orquestra rítmica e ordenada; o tic-tac do relógio também era uma referência importante naquele interlúdio impoluto. E como uma peça essencial do cenário, ela, a figura mais emblemática. Pairava imóvel sentada na mesma banquetada da copa, imersa em seus pensamentos e na leitura que era o seu rito diário.

Seus cabelos... Cuidadosamente presos, seus óculos, entremeados em seu rosto; davam a ela um ar intelectual e austero. Porém em contraponto, o batom vermelho ardia em seus lábios finos que pareciam ter sido desenhados por um pintor da Renascença. As roupas? Extremamente sensuais, que ao seu modo a dotavam de uma beleza ardorosa e inconfundível. Ela bebia o mesmo cálice de vinho de sempre, o companheiro seguro que ela dispunha naquelas noites solitárias que teimavam em fazer parte de sua vida.

Clara Wise era uma jovem e brilhante editora que em apenas nove anos de trabalho árduo e comprometido, deflagrou uma carreira de reconhecido sucesso. Seu talento era perceptível, como o seu feeling que, de tão apurado, ajudou a descobrir

pérolas de grande valor para o mundo literário. Porém apesar de ter sua vida profissional reconhecidamente estabelecida, era extremamente resignada em sua vida secular.

As pessoas a invejavam, e apesar disso, os homens que se aproximavam dela geralmente traziam consigo algum interesse inescrupuloso velado que fez com que o repertório da sua vida amorosa se tornasse cada vez mais escasso. Acabou deixando que seus sonhos de afeto murchassem, com a prerrogativa de que mais tarde eles seriam preenchidos e assim, mais e mais foram sendo postergados. Mas num dia de abril, Clara Wise foi surpreendida com um telefonema da sobrinha que mais amava (Paula era uma jovem muito vivaz e amorosa, todos os que a conhecessem se apaixonavam pelo astral da moça, não havia jovem mais agradável e atenciosa)...

- Titia, que saudade de você!

- Minha querida, que bom que ligou! aposto que tem novidades!

- Sim, querida, eu tenho.

- Então diga de uma vez!

- Titia, lembra-se do Marcus Sage?

- Claro, querida, você o me apresentou no verão passado, não se lembra?

- Pois bem Tia Clara, nós vamos nos casar!

Por alguns instantes, aquela notícia que era extremamente oportuna, pois Clara sempre esperou que conhecesse um jovem de valor, pareceu ferir o seu coração.

- Querida, você vai se casar?

- Sim, titia, o que a senhora acha?

- Estou imensamente feliz, não sabe o quanto, meu amor!

- Obrigada Titia! Será no próximo outono, fiquei noiva ontem, estou tão feliz, lembrei de ligar para contar-lhe.

- Paula eu sei que será muito feliz. Tenho certeza disso!

- Obrigada Tia Clara. Querida, eu preciso desligar, você é a primeira pessoa que está sabendo, vou ligar agora para as minhas amigas, um beijo.

- Um beijo meu amor, felicidades!

Sua sobrinha tinha apenas dezenove anos e já fazia planos para se casar na próxima estação, aquilo mexeu profundamente com Clara. Naquele exato e crucial momento ela percebeu que a parte que mais fora negligenciada em sua vida, durante aqueles anos todos, era a que mais a afetaria pelo resto dela...

Quando chegou a sua casa, Clara viu que a vida que levava já não bastava; tudo perdera o encanto desde aquele telefonema. Clara se viu tendo que confrontar a sua solidão como algo que realmente a atormentava. Enfadada, desnorteada, ela esqueceu seu hábito rotineiro, pegou um balde de sorvete, se assentou num sofá na sala, ligou a televisão tentando afogar parte de suas mágoas e chorou sozinha, mas sem poder ser ouvida.

As lágrimas, em horas como essas, tendem a amenizar as dores. No caso de Clara, não foram poucas e com elas uma imensidão de desafetos foi sendo derramada. Ela respirou fundo, se recompôs, pegou mais um livro que fora enviado para ser avaliado e pôs-se a lê-lo.

O que sentiu de imediato, ao ler as primeiras linhas, era que o autor tinha uma mente desafiadora e aventureira. Também

identificou logo que se tratava de um homem, pois a forma racional que os homens empreendem em seus textos é bem perceptível. Apesar de sua escrita ser meio coloquial, ela demonstrava uma mente muito afiada e um humor risível e requintado. O livro não estava no contexto do lugar comum, tinha alguns apelos envolventes.

Ela pegou o envelope, procurando saber se tinha algum histórico do autor para ver quais eram as suas influências e as suas vivências, e lá estava, uma foto de um jovem muito atraente. Seu coração naquele momento saltou de surpresa. Ela certamente não esperava que o rapaz fosse tão belo.

Clara se levantou com a foto em mãos para beber água, e cada vez que olhava para o rapaz, mais e mais aquela atração irresistível invadia os seus pensamentos (do jovem que numa foto sorria com um olhar firme e ao mesmo tempo afetuoso na direção de seus olhos).

O rapaz a inundou, e para não ser condescendente em sua análise, resolveu que não leria mais o livro, pois àquela hora, ela estava, por demais, fragilizada e envolta em sentimentos vários...

No outro dia, tudo seguiu novamente o seu curso, Clara estava novamente assumindo o seu papel como sempre fazia, sem grandes expectativas. Apesar disso, em alguns momentos a lembrança do rapaz vinha em sua mente. A fantasia logo passou a compor o repertório de seus pensamentos e cada vez mais e mais ela ia se deixando afetar por aquela foto, e as perguntas? Povoavam seu coração e a principal: - Quem será esse rapaz tão desejável?

- Clara, você está bem? Perguntou a sua secretária, companheira de trabalho de anos.

- Julia, claro, estou bem sim!

- Clara, eu conheço esse seu olhar devaneante. Meu Deus, você conheceu alguém! Eu não acredito, isso é maravilhoso!

- Não, e não me venha com essas suas idéias de casamenteira!

- Não seja tola, eu só quero seu bem!

- Eu sei que sim, querida.

- Então me conte logo, quem é o homem?

- Não há homem nenhum!

- Clara, esqueceu com quem está falando? Ou será que eu tenho que a lembrar!

- Está bem! Está bem! Mas, por favor, não ria de mim, sinto-me uma tola!

- Tola, que bobagem! Não vai me dizer que você se apaixonou pelo contador?

- Nossa, Julia, por quem me toma?

- Querida, não sendo porque aquele porco, eu aceito qualquer um!

Elas riram por um tempo...

- Olha, por favor, prometa-me que não vai comentar com ninguém, a verdade é que eu não conheci ninguém pessoalmente, mas eu me encantei por um escritor que estou lendo.

- Clara, eu achei que você já tinha passado desta fase de fantasias. Você precisa encontrar alguém de verdade, minha amiga!

- Está vendo? É por isso que não lhe conto nada, você é muito impertinente e desconfiada!

-Tudo bem, desculpe!

- Eis aqui a foto.

- Meu Deus, que homem maravilhoso! Ah eu também quero conhecê-lo!

- Julia, não seja abusada, você é casada. Já se esqueceu que sou sua superior? Não gosto destes rompantes!

- Desagradável!

Clara sorriu...

- Percebe agora minha aflição? Estou mesmo perdida, uma mulher de trinta e cinco anos, devaneando pelos cantos, sonhando com um rapaz que eu nunca vi antes, eu preciso dar um jeito na minha vida.

- Exatamente, e eu sei bem o que vai fazer!

- Ah não! Não me venha com essas suas idéias mirabolantes!

- Antes eu preciso saber... Como ele é como escritor?

- Brilhante, o achei muito perspicaz, uma mente privilegiada, tem um humor ácido, mas de um bom tom, encantei-me com ele.

- Bem se vê. Aliás, está notório!!!

- Julia, por favor!

- Pois bem, você deve chamá-lo aqui para uma entrevista particular, diga que tem o desejo de publicá-lo e que quer saber mais de seu histórico.

- Você está louca? Eu nem terminei o livro dele. E um rapaz tão lindo, certamente tem alguém em sua vida.

- Querida, olhe para você, não conheço moça mais linda e agradável e continua sozinha como uma chaleira sem seu bule.

- Nossa, que analogia? Mas quer saber, está certa. Porém eu primeiro preciso ver se o livro dele é realmente bom. Não posso comprometer meu trabalho.

- Você tem sete dias para terminar esse livro, isso é um ultimato!

Julia saiu da sala, com uma risadinha sarcástica nos lábios, enquanto Clara se deixou levar pelas idéias malucas de sua amiga...

Já em casa, Clara não se conteve e foi ler o rapaz, a verdade era que ela queria lê-lo nas entrelinhas. Era fascinante o mundo criado por ele, tinha uma engenhosidade muito peculiar, algo que não via há muito tempo. A madrugada logo chegou imponente, mas Clara estava imersa no mundo criado pelo J. E. Robertson.

- O que serão essas iniciais? Sr. Robertson, eu preciso saber quem é! Por que não assumiu de uma vez a autoria de sua obra?

Ela vasculhou em seus pertences em busca do envelope, mas nada havia senão as iniciais do nome e o sobrenome Robertson. Você não me deixou alternativa, Sr. Robertson. Eu terei que publicá-lo e com isso, terei de conhecê-lo.

No outro dia, ela chamou a secretária.

- E então? Disse Julia.

- Ligue para o Sr. Robertson e entregou-lhe o telefone.

- Ah, então esse é o nome! Você já leu o livro?

- Sim, não consegui parar, o li todo, dormi somente uma hora hoje, mas Julia, não me faça mudar de idéia, por favor!

- Claro Srta. Wise, não se preocupe comigo, foi só a força do hábito. E sorriu, piscando para ela.

- Meu Deus, o que estou fazendo? Pareço uma adolescente.

Alguns minutos depois...

- Clara, ele está vindo para cá, agora!

- Mas agora? Você nunca facilita as coisas, não é mesmo?

- Não seja boba, tudo vai dar certo, só não se assanhe muito.

- Julia, por favor, suma daqui, vá trabalhar, antes que eu a demita!

Julia riu imensamente, e provocou o riso em Clara também. Elas sempre foram cúmplices em tudo, mas a verdade é que as artimanhas sempre ficaram a cargo de Julia.

Não demorou muito e a porta se abriu, e lá estava o rapaz acompanhado por Julia.

- Sra. Wise, este é o Sr. Robertson.

- Por favor, Sr. Robertson, entre e sinta-se à vontade, gostaria de uma xícara de café?

- Não senhora, agradeço. Estou bem assim.

- Como vai Sr. Robertson, sou Clara Wise, a Editora.

Quando seus olhos se entreolharam, o coração de Clara pareceu saltar do peito. Os olhos do jovem pareciam dois sóis ardendo, brilhavam muito em sua direção.

- Para ser sincero, Sra. Wise, estou muito surpreso.

- Como assim surpreso?

- É que conheço o seu trabalho, e jamais esperei um contato desta Editora. Vocês têm certeza que gostaram do meu livro?

- Ora, Sr. Robertson, não se deprecie! Vi grandes qualidades no seu texto. Achei impressionante o seu estilo coloquial, mas ao mesmo tempo, rico de um humor esgarçado.

- Sra. Wise, a senhora realmente é um talento, por que na verdade são essas as palavras que eu sempre uso ao me classificar.

- Entendo. Por favor, sente-se! E se puder me chame de Clara, dispense o “senhora”, eu não sou casada. Disse isso, mas apercebeu-se do que acabara de falar, ruborizou.

- Oh, que bom, Clara... Percebeu que eu sou uma pessoa muito prática? Estava suando com tanto formalismo, pode me chamar de Elliot. E não precisa se envergonhar.

Ela gaguejou um pouco, e fingiu não ter ouvido a última sentença, então disse:

- Ah, meu caro, então este é o E de seu nome.

- Sim, na verdade não gosto do primeiro nome e o segundo é tal qual um sobrenome, mas prefiro ser chamado de Elliot.

- Elliot, eu fiquei impressionada com suas idéias, se fôssemos publicar hoje, confesso que seu texto quase não precisaria de reparo. Ficou impecável a trama e os personagens realmente me instigaram muito.

- Então estão inclinados em publicar-me?

- Mas claro que sim!

- Meu Deus, eu não acredito.

- Ora não fique tão surpreso, por que mais eu o chamaria aqui? Aliás, bem vindo, a esta casa.

- Você fala sério?

Elliot ficou tão agradecido que segurou as mãos de Clara, que sentiu um ardor pelo seu corpo, e o pior, deixou transparecer isso.

Elliot riu...

- Clara, desculpe-me, fui muito ousado?

- Não, de forma nenhuma.

- Então me atrevo mais uma vez, gostaria de jantar comigo?

- Jantar com você? Ora Elliot, digo, Sr. Robertson, você não me precisa me bajular, posso lhe assegurar que a sua vinda a esta Editora está garantida.

- Sim, mas eu não a estou bajulando, e para ser sincero eu não gosto de bajulações. Mas desde que entrei aqui, não sei se percebeu? Não consegui tirar os olhos de você.

- Sr. Robertson! Por favor, está me deixando encabulada.
- Não fique, e, por favor, não decline do convite, eu não gostaria de perder a chance.
- Elliot!
- Clara, é só um jantar, afinal eu preciso conhecer a minha editora.
- Está bem, mas é que não estou acostumada a isso, você entende?
- Não se desculpe, eu percebi que você se encabulou, seu rosto ficou ruborizado. Mas não se preocupe, achei isso um bom sinal.
- Um bom sinal? Realmente, não entendi?
- Timidez para mim não é um problema, não percebeu? Aliás, eu sempre achei a timidez muito atrativa.
- Clara, desculpe se eu a interrompo, mas é uma ligação importante.
- Oh sim, Julia, obrigada.
- Às oito, está bom para você?
- Bem, eu não sei...
- Vamos, é só um jantar!
- Está bem!
- Mas antes eu preciso passar em casa!
- Não se preocupe eu pego o endereço com a Julia.

- Oh, então está bem, foi um prazer senhor Robertson.

- Elliot, até logo mais, Clara.

- Até.

Ele saiu e logo Julia fechou a porta.

- Meu Deus o que foi tudo isso? Dona Clara, o que a senhora fez?

- Ele me convidou para sair!

- Você não respondeu a minha pergunta, o que você fez?

- Eu não sei Julia! Meu Deus será que ele pensou que eu estava querendo isso desde o início? Oh Meu Deus, acho que vou vomitar!

- Clara, por favor, tenha calma, ele é só um homem convidando uma mulher para um jantar, não fique pensando coisas!

- Julia, ele é tão seguro, mas é muito jovem, você percebeu?

- E acho que você não percebeu, eis aí a chance que queria. Aproveite! Converse com ele, veja se têm interesses em comum, nada fará de mal se conhecer o rapaz.

- Julia, acha que ele suspeitou? Como sou despreparada, eu disse que não era casada, não sei como fui capaz?

- Ora, Clara, eu faria o mesmo, não seja boba, tudo dará certo.

- Julia, você viu como ele é lindo?

- Maravilhoso, estou até arrependida de deixá-lo esperando.

- Meu Deus eu esqueci, vá, dê o endereço a ele, antes que desista.

- Nos falamos depois, recomponha-se, por favor, afinal você é uma Editora. Aja como tal!

- Oh, deixe-me em paz!

Julia saiu mais uma vez rindo da situação e foi ter com o Elliot.

O expediente acabou e Clara estava profundamente afetada pelo convite, pensou o dia inteiro no rapaz. Voltou correndo para casa, tomou um banho como nunca antes havia feito, esmerou-se nos xampus e cremes, na maquiagem. Ficou horas no espelho experimentando lingerie de todas as espécies, escolheu uma que a favorecesse, e um vestido muito sensual. Clara nunca esteve mais linda, e jamais esteve mais suscetível ao amor como naquele dia. Parecia que estava resgatando algo do passado.

Elliot, logo bateu em seu apartamento, com uma dúzia de rosas vermelhas. Muito sugestivo e original, pensou Clara.

- Como vai, Elliot?

- Estou bem, e vejo que está pronta?

- Ele entregou as flores.

Ela as cheirou, e deixou-se inundar pelo perfume. Deixe-me colocá-las num vaso.

- Espere!

Ele a puxou para si, muito gentilmente, e a beijou nos lábios. Um beijo rápido, porém sugestivo.

- Estou feliz em vê-la, está linda!

- Obrigada, Elliot. Você está maravilhoso também!

Naquele momento, Clara já não era mais dona de suas faculdades, deixou-se levar pela atração que a conduzia. Ela colocou as rosas no vaso.

Ele a pegou pela mão e a conduziu em todo o tempo. Chamou um táxi e foram para um restaurante. Na verdade, ele não tinha feito nenhuma reserva, e por certo, não poderia achar lugar nenhum naquela noite.

- Clara, estamos perdidos, estamos sem reservas, e todos os restaurantes da cidade parecem estar lotados.

- Tive uma idéia, vou te levar para um lugar inusitado!

- E para onde seria?

- Venha comigo!

Ele a pegou pelo braço, e os dois foram agitados ensaiando uma corrida até o final da rua.

- Eis aí, o melhor restaurante que conheço.

E lá estava; uma Burger King.

- Se importa?

- Para ser sincera, não!

Elliot sorriu e Clara parecia que estava se descobrindo novamente, aquele fervor da juventude que ficou adormecido no

seu coração por tanto tempo, surgiu como se a vida não bastasse e os minutos ao lado do jovem eram poucos para serem vividos.

Elliot era um homem muito agradável, tinha um jeito moleque de ver as coisas, mas ao mesmo tempo era bastante esclarecido. Sua visão de mundo, ela invejou desde o início. Eles ficaram conversando a noite toda e mal perceberam que a lanchonete já estava a se fechar.

- Precisamos ir.

- Mas não precisamos terminar a nossa noite aqui!

- O que você sugere?

- Venha comigo.

Eles foram a um parque de diversões que ficava aberto até as três da manhã.

- Elliot, como você é surpreendente!

Trataram de ir a uma montanha russa, ele fez questão de fazê-la sentir a emoção. Ela quase chorou de tanto medo, mas nunca se sentiu tão livre. Brincaram nos carrinhos de bate-bate e por fim, foram até a roda gigante.

A Roda Gigante talvez tenha sido o momento crucial daquela noite, pois o homem finalmente a beijou, o beijo que ela ansiou por toda a sua vida. Um beijo cálido e ardente, que a fazia se sentir desejável como já mais fora em sua vida.

- Elliot, eu não sabia que você era tão doce.

- E eu estou feliz de estar aqui, não percebe o quanto você é aprazível? Eu olhei para você e senti que a minha vida deveria acabar ali naquele instante.

- Como assim, o que quer dizer?
- Nunca me senti mais feliz na vida, se eu morresse ali, eu estaria realizado.
- Elliot, não faça assim comigo!
- Estou sendo sincero, Clara.
- Elliot, você é muito jovem!
- Eu tenho vinte oito.
- Mas eu tenho trinta e cinco.
- Clara, por favor, eu achei que você fosse uma pessoa liberta destes tabus.
- Mas Elliot, eu serei a sua Editora.
- Melhor assim, assim será mais condescendente com os meus rompantes perdidos. E sorriu.
- Não seja tolo, você é um excelente escritor. Nunca disse isso a ninguém, mas eu ansiava por ser escritora, e só digo isso, pois o que mais gostei no seu estilo é que ele se parece muito com o meu.
- Está vendo, nosso encontro não foi acidental. Temos muito em comum.
- Elliot, isso eu não sei, mas estou tão emocionada de conhecê-lo.
- Então só me resta convidá-la para mais um lugar. Gostaria de passar a noite comigo?

- Elliot, temo que estejamos indo rápido demais, você não percebeu?

- Ora, Clara, vamos! Você verá que nada que fizermos agora nos afetará, eu estou profundamente convencido que desejo te conhecer mais.

- Então, vamos ao meu apartamento.

Clara não soube como aquelas palavras de repente surgiram, mas sentia que ela não deveria se opor a ele, afinal, Elliot era tudo aquilo que ela havia imaginado. Doce, cálido, ardente e muito agradável, se estes eram motivos suficientes, ela não sabia divisar, mas a verdade era que nunca se sentira mais inteira ao lado de alguém...

Assim que chegaram, ao contrário do que ela esperava, ele foi muito paciente e tranqüilo. Seu toque foi muito cálido. Passou as mãos pelo seu corpo enquanto a beijava ardentemente. Ele tirou a alça de seu vestido e beijou seu ombro, mordiscou sua orelha, enquanto ela suspirava de desejo.

Eles tiraram a suas roupas e nus se olharam por um momento, e a vida se resumiu àquele instante. Ela jamais conheceu um homem mais gentil e vigoroso, era, ao seu modo, másculo e infinitamente terno.

Ela ansiava tanto pelos seus abraços e quando eles fizeram amor, no momento do êxtase, ela se entregou por completo, e quando finalmente chegaram ao clímax do momento, ela chorou.

- Elliot, desculpe.

- O que foi meu amor, o que fiz, fui tão ruim assim? E sorriu...

- Você não fez nada, nem sei ao certo o que estou sentindo, a verdade é que meu coração estava a tanto tempo fechado. Você foi maravilhoso!

Ele a abraçou, e dormiram juntos o resto da noite. Felizes e realizados; ela, aninhada em seus braços.

No outro dia, Clara chegou tarde ao serviço, e Julia ficou perplexa ao vê-la desatenta. Bateu em sua porta num momento oportuno e logo veio o embate.

- Clara, ou você está mais devaneante do que de costume, ou está me evitando. E então, como foi a noite? Eu estou aflita por saber, vamos diga-me de uma vez!

- Julia, não é nada disso, sabe que não esconderia nada de você. Bem, tudo foi maravilhoso!

- Clara, não acredito! Você transgrediu a primeira regra dos encontros. No primeiro dia e já dormiu com ele?

- Por que diz isso? Aliás, por quem me toma?

- Eu não acredito Clara! Assim de cara? Você está ficando saidinha Sra. Wise...

- Não seja tola, até parece que eu Clara Wise, faria uma bobagem dessas! Quer saber, não vou mentir pra você, não me recrimine, mas foi o que aconteceu! E o que você esperava que eu fizesse?

- Quer saber...

Ouve uma pausa na conversa, enquanto Clara ficou esperando a resposta. Em tom sarcástico Júlia disse:

- Eu teria feito a mesma coisa!

Riram da situação...

- Você, não existe!

- E como ele é?

- Maravilhoso, infinitamente terno, doce, suave, gentil, másculo e viril, o principal. Mas eu fiz uma coisa que não deveria ter feito.

- O que você não deveria ter feito, Srta. Wise, eu sinto muito em dizer, mas fez. E então? Diga de uma vez o que foi tão terrível!

- Chorei!

- Você chorou, mas meu Deus, ele foi tão ruim assim?

- Não, sua tola! Nunca encontrei um homem mais agradável, é que há anos não me permitia sentir isso por alguém. Será que você não entende?

- Sinceramente, não! Um homem lindo, mais novo que eu, estava ali, inteiro, desejoso por me ter, eu vou chorar para quê?

- Eu não fazia isso há muito tempo, você me conhece há muito, e não sabe entender o que eu senti?

- Desculpe-me, você tem razão. E qual foi a reação dele?

- Ele foi um cavalheiro, não, não era isso que eu queria dizer, ele foi afetuoso, é a palavra certa para defini-lo. Depois, dormimos abraçados no resto da noite.

- E qual é o problema, então?

- Julia, eu não sei, ele é sete anos mais novo que eu, tenho trinta e cinco, será que devo investir numa relação assim?

- Querida, você está com ele há dois dias, e já está fantasiando um casamento?

- Ora, por quem me toma Julia? Não foi isso que eu quis dizer. Eu só não quero me magoar, eu simplesmente não suportaria.

- Então, só lhe resta uma alternativa.

- E qual seria?

- Simples, se não quer sofrer, vire freira. Depois se mude para um convento carmelita, daqueles bem distantes. Ah, e se esqueça que é minha amiga.

- Julia, pelo amor de Deus, você acha que as minhas razões não são plausíveis?

- Quero ver as suas razões, quando você atender esse telefonema.

O telefone acabara de tocar.

- Vamos, atenda!

- E se for ele?

- Não seja tola, se for ele, é sinal de que gostou da noite!

- Alô! Elliot?

- Sim, querido, eu também gostei da noite passada.

- Acho que preciso deixá-la. Afinal, você precisa racionalizar a noite passada.

Disse isso, e saiu rindo...

Não contrariando às expectativas, Eliot e Clara engataram um relacionamento, e os dias foram se passando, a verdade era que o sentimento que tinham um pelo outro parecia ir se fortalecendo. Clara nunca fora mais feliz, nunca se sentira mais realizada. Elliot sempre a surpreendia com românticos, que a faziam ficar cada vez mais encantada.

A felicidade parecia fazer parte constante de seus dias. Até que o dia fatídico a tomou de assalto. Paula, sua sobrinha, acabara sofrendo um acidente grave, seu namorado estava na UTI do Defiance Hospital de Manhattan. Clara era a sua responsável caso algo emergencial acontecesse. O médico de pronto ligou comunicando o acidente.

Pega de surpresa, teve que enfrentar uma situação terrível. Sua sobrinha que mais amava estava com o seu noivo numa UTI de um hospital. Julia ficou muito apreensiva ao ter que relatar essa situação a Clara, mas cuidou de tudo, chamou o táxi e comunicou aos pais dos garotos o que havia acontecido. Os pais de Paula estavam de férias na Bélgica.

As situações da vida são tão inusitadas, o fim de tudo não foi feliz, o rapaz acabou sucumbindo a uma hemorragia interna. Sua sobrinha teve alguns ferimentos graves, ficou desacordada por três dias e não sabia que o noivo havia falecido. Quando já ia ter alta do hospital, Clara se esmerou para esconder a notícia, pois os preparativos para o casamento, os ensaios, tudo corria a bom termo, porém o noivo... Acabara de morrer.

Paula enquanto esteve no hospital permaneceu dopada, mas as dores já não eram tão fortes e agora ela estava consciente. Clara então não pôde mais se omitir.

- Querida, você está bem?

- Sim, tia Clara, só dolorida, mas estou muito aflita, há quatro dias que não tenho notícias do Marcus, por favor, diga-me que ele está bem!

- Querida, eu sinto muito! Com os olhos marejados, Clara só conseguiu dizer essas palavras.

A sobrinha caiu em grande desespero e negação, chorou durante dois dias, não podia acreditar que o amor de sua vida estava morto. Pensou que jamais teria uma lua de mel, que jamais teria um esposo; seu mundo desabou.

Clara pediu licença de um mês para cuidar dela, até que conseguisse sair do trauma. Os pais voltaram de viagem, e decidiram ficar com a filha na casa de Clara.

Elliot esteve a todo tempo ao lado de Clara, mas ela não queria mostrá-lo ainda aos parentes, temia olhares de censura. Ele compreendeu bem a situação e permaneceu por um tempo no anonimato...

Paula saiu daquela situação dilacerada, a tristeza inundou sua alma, a tia, a todo o instante esteve ao seu lado, trazendo para ela todo o alento que podia ser-lhe dado. Paula logo decidiu que ficaria com a tia, os pais que estavam completamente perdidos diante do pesar da filha, concordaram.

Nos meses que se seguiam, a jovem aos poucos foi tomando consciência de que precisava dar um novo rumo a sua vida. Achou um anúncio de um curso de desenho, preparatório para o Conservatório de Arte. Era a oportunidade que ela precisava para aprimorar a sua arte e retomar a sua vida.

Clara ficou empolgada com a idéia e incentivou a sobrinha. Fez questão de custear todas as expensas do curso, e em menos de seis meses, Paula já tinha retomado a alegria de viver.

A felicidade parecia que cortejava novamente aqueles corações. Elliot estava cada vez mais fazendo parte da vida de Clara. O homem era muito receptivo e o seu amor por Clara cada vez mais crescia. Ela que era tão reclusa, permitiu-se viver experiências que, em sua vida, jamais experimentou. Naquela semana mesmo, foram ao jôquei, na ocasião ela apostou no azarão.

Quando estamos felizes e realizados, já perceberam que o Universo parece conspirar ao nosso favor? Foi assim com ela, ganhou à sorte grande; o cavalo venceu o páreo. Os dois celebraram aquela alegria numa tarde de muito amor regada a champanhe e caviar num hotel de luxo. No quarto, depois de momentos de puro êxtase, Clara postava-se deitada envolta em lençóis e Elliot a admirá-la.

Sua tez suave, sua pele, a luz que refletia em seu rosto, a mulher que estava ao seu lado, ele teve a certeza, era incomparável. Envolta em seus pensamentos, ela lia algumas páginas de um livro que fora recomendado por um dos seus escritores publicados. Compenetrada, ela não sabia que estava sendo admirada pelo homem.

Ele sorriu para ela, um sorriso terno e afetuoso, enquanto ela o olhava com interesse.

- O que foi querido?

- Clara, não sabe a sorte que tenho?

- Lá vem você com seus gracejos!

Com um dedo ele tocou os seus cabelos, que pareciam emoldurar a sua face, a face mais linda que o homem jamais vira em sua vida. Elliot então a apunhalou com a seta mais certa que o “AMOR” poderia lhe dar:

- Clara, eu a amo! Tomou-a em seus braços e a beijou como se a vida não bastasse para expressar aquele sentimento.

Clara, inebriada, sentiu pela primeira vez na vida que esta finalmente fazia sentido. Os medos, as inseguranças, as noites solitárias empreendidas, jamais poderiam se comparar àquele momento de prazer imensurável.

E sim, ela se lembrou da foto, uma lembrança que ficaria marcada a partir daquele dia, pois percebeu que os olhos vibrantes que a encaravam, agora, também a refletiam.

Quando ele dormiu, a primeira coisa que fez foi ligar para Julia.

- Julia?

- Clara, o que foi? Que horas são?

- Desculpe, eu me esqueci da hora.

- Tudo bem querida, o que aconteceu?

- Ele fez aquilo!

- Aquilo o quê?

- Ele disse as palavras!

- Que palavras mulher, por Deus?

- Ele disse: Eu te amo!

Nesta hora, Elliot que estava acordado, mas fingia-se dormindo, sorriu.

- Clara, meu amor, que maravilhoso!

- Amanhã continuamos...

- Espere, conte-me mais!

Ela já tinha desligado.

- Mas dá para acreditar? Acorda-me no meio da noite para desligar na minha cara, Julia fez uma cara de reprovação, seguida por uma de contentamento perceptível e sorri... Puxou o lençol, enquanto o marido resmungava.

- Ó cale-se homem, e chegue para lá! Então, voltou a dormir.

Já Elliot a puxou para si e disse: - O que foi? Não está acreditando, Clarinha?

- Tudo bem, tudo bem, eu repito, meu amor, meu amor!

- Também o amo, meu menino levado!

- Menino levado, venha aqui que eu mostro o menino levado.

Ela gargalhou até ele a beijar novamente, se amaram naquela madrugada, outras vezes e, ousou dizer, nos lugares mais inusitados.

Clara agora estava preenchida, o sonho adormecido a florara repleto de significados, e por fim era um sonho real. Sua sobrinha parecia estar com mais ânimo o que a encheu de segurança para revelar o seu mais íntimo segredo...

- Paula, querida, cheguei mais cedo hoje, você percebeu?

- Claro, tia Clara! Mas fiquei pensando... O que será que a trouxe tão cedo aqui? Eu acho que sei a resposta! Será que o Elliot não estava disponível hoje.

- Paula, eu não acredito! E eu achando que estava representando bem. Não me diga! Eu até sei quem foi o passarinho verde que te contou.

- Julia, não teve culpa Tia Clara, eu a coagi.

- Eu suspeitava que sim! Mas ainda assim, terei uma conversa séria com a dona Julia.

- Ora não seja boba tia Clara, a senhora está desviando do assunto, o que eu quero saber é como ele é!

- Maravilhoso, carinhoso, atencioso, mais novo que eu. Acredita?

- Não posso acreditar... O que fizeram com a minha Titia querida? Acho que você foi abduzida.

- Eu não sei se foi isso, mas estou quase acreditando que estou vivendo num universo paralelo.

Elas sorriram...

- Mas querida, é por isso que eu queria chegar mais cedo, eu sabia que você tinha percebido a minha alegria, sinto-me vendida, por estar tão feliz, enquanto você, meu amor, tem que passar por tão dura luta.

- Titia, a senhora não percebeu? Já superei a morte do Marcus, sei que não o esquecerei tão cedo, no próximo mês fará um ano. Mas estou melhor, eu às vezes sinto que tudo aconteceu desta forma para que eu pudesse vivenciar um sentimento verdadeiro, e quando isso acontecer, estarei aberta para o "AMOR" novamente. Pode ter certeza.

- Você realmente é maravilhosa, não sabe o orgulho que tenho de você. Não tenho filhos, você sabe, mas eu me orgulho da

mulher que você se tornou, sabe que a amo como se fosse minha, não é?

- Sei sim, minha titia querida.

Elas se abraçaram por um tempo, os olhos de ambas marejaram.

- Escute! Tudo bem, tudo bem, você já contou a sua novidade, mas eu não contei a minha.

- Novidade? Você andou me escondendo mais coisa, ah não me diga que...

- Que eu conheci alguém bonito, jovem, atraente, como o seu Elliot? Isso eu não posso dizer ainda, pois ele é muito tímido e não consegui externar ainda o que sinto.

- Mas isso é maravilhoso. E você já contou isso para os seus pais?

- Ainda não tia Clara, por hora, eu prefiro não. Minha mãe está muito ressentida de eu ter ficado aqui todos esses meses. E não fique chateada, mas eu contei outra coisa a eles...

- Sobre o Elliot?

- Sim, desculpe-me! Disse isso constrangida.

- Mas Paula, por que fez isso? Não sabe como é sua mãe? Ela é um poço de preocupação, quando foi que você disse isso a ela?

- Hoje! E eu sinto muito, mas eles estão aportando aqui na quinta.

- Bom... O que não tem remédio, remediado está, teremos que enfrentar as feras.

- A senhora não está chateada?

- Não, claro que não, meu amor!

- Então tenho outra bomba!

- Ah não, três confissões de uma vez, eu não vou agüentar! Estou brincando, diga.

- Consegui a bolsa de estudos no Conservatório de Arte, e isso quer dizer que eu terei que ficar aqui.

- Querida, isso é maravilhoso!

- Eu sabia que se sentiria assim! E eu precisava de um motivo para trazer meus pais aqui, eles acham que vão me levar para casa, mas a verdade é que pretendo ficar com a senhora. Eu vou precisar de sua ajuda nisso, e também... Bem, o John é um dos meus motivos mais importantes, não quero perder a oportunidade de conhecê-lo.

- Deixe que venham, e com certeza você pode ficar aqui sim, vamos ver o que aquela empregada da minha irmã terá a dizer sobre isso. Vou aproveitar e convidar o Elliot, já passou da hora de conhecê-los.

- Ah então é pelo John que você resolveu ficar? Quer dizer que sua tia não tem nada a ver com isso?

- Ah titia, sabe que a amo, mas o John, a senhora não o conhece, é infinitamente melhor... E sorriu.

- Imagino que sim... Espere! O telefone.

- Elliot, querido? Que bom que ligou, eu tenho um convite a lhe fazer.

- Como, aconteceu alguma coisa com o seu avô?

- Ah que bom, sei que o ama muito. Sim, eu entendo querido!

- Não, não fiquei chateada, inclusive meus parentes estão vindo também. Eles me farão companhia, não se preocupe!

- O Convite, não, não era tão importante assim! Mas me ligue quando chegar à fazenda do seu avô. Não quero ficar preocupada, ligue-me a qualquer hora, está bem? Você vai sozinho?

- Tome cuidado meu querido, também o amo! Como eu não vou me preocupar Elliot? Se cuide, não se meta em encrencas, está bem? E sorriu...

- Também o amo, já estou com saudades!

- Está bem, o espero na quinta. Bye.

- Que pena, eu queria que seus pais o conhecessem.

- Bom, vamos ter que protelar isso. Mas por que você não convida o John?

- O John, mas eu acho que ele não viria, é muito tímido.

- Ora, diga a ele que você terá que convencer a seus pais que precisa ficar aqui e ele será de muito préstimo. Sei que ele concordará.

- Titia, não tinha pensando nisso, aliás, ele foi o meu maior incentivador, é um brilhante artista e é tão apaixonado pela arte, com certeza convencerá minha mãe. Vou trazê-lo aqui, nem que seja amarrado.

- Faça isso, agora eu preciso adiantar algumas leituras, estou muito atrasada com o serviço. Depois nos falamos.

- Está bem, obrigado Titia!

- Não seja boba querida, você é minha maior alegria, adoro tê-la por perto. E tudo dará certo, vou quebrar aquela chata da sua mãe. Até amanhã! Durma bem, querida.

- Você também, Tia Clara.

O dia esperado chega e os pais de Paula foram recebidos no apartamento...

- Paula, meu amor, então, você está bem?

- Claro, mamãe, Tia Clara me faz muito bem!

- Olha Paula, eu não quero ser chata, sei que sempre me acha uma pedante, mas a questão é que você sabe que eu não gostei nada de você ter ficado aqui.

- Mal chegamos Helen e já vai começar?

- Ora, cale-se homem, não me repreenda na frente de nossa filha, quer podar minha autoridade?

- Mamãe, eu sei que a senhora ficou meio atordoada com tudo, mas foi melhor assim, e a Tia Clara tem algo a lhe dizer...

- Eu?

- Sim, tia Clara, não se lembra? Aquilo que conversamos!

- Bem, Helen, querida, eu sei por que veio.

- Claro que sabe, eu não escondi de você minha preocupação eu quero levar Paula daqui, o quanto antes melhor!

- Mas acontece...

- Não acontece nada, Clara, vocês já levaram essa loucura longe demais.

- Helen, não vamos começar com as nossas guerras Napoleônicas.

-Helen, por favor, mal chegamos, querida!

- Alfred, cale-se, é do futuro de nossa filha que estamos falando.

- Hum, que bom que disse isso mamãe, pois o futuro de sua filha já está traçado.

- O quê? Como disse?

- Entrei no Conservatório de Artes, e ficarei com a Tia Clara.

- Filha você está louca? Você precisa cursar a faculdade de Medicina.

- Não mamãe, este sempre foi o seu sonho, eu quero Artes.

- Mas meu bem?

- Já estou decidida mamãe, e até eu me formar, se tia Clara permitir, é claro, eu ficarei com ela.

- Mas Paula...

A campainha então toca.

- Vocês estão esperando mais alguém?

- Helen, não seja indelicada, a casa é de sua irmã.

- Ora homem, pare de me repreender.

- John, que bom que veio, eu preciso apresentá-lo a minha família.

Três dias haviam se passado depois do telefonema da mãe, e finalmente Paula se declarou para o John, que também estava perdidamente apaixonado por ela, eles começaram um namoro que seria deflagrado naquela visita.

Enquanto Clara olhava o forno, pois assava alguns brownies, John era apresentado aos seus pais.

- Como vai John? Então você é o responsável por este novo projeto de nossa filha?

- Então você vai ficar Paula?

- Sim, meu querido! E o beijou na frente dos pais, que ficaram surpresos, mas felizes por sua filha ter recuperado a alegria que tanto esperavam.

Clara feliz, jocosa, abriu a porta da cozinha trazendo consigo a travessa com os brownies quando deparou com a cena.

Os brownies foram ao chão, Elliot, o seu Elliot era o homem que beijava a sua sobrinha.

- Tia Clara, a senhora está bem?

- Desculpe, como eu sou desastrada!

- Não se preocupe senhora, eu a ajudo.

- Tia Clara, este é o John, o rapaz que lhe falei!

- Olá John, é um prazer!

- Paula, desculpe, eu lembrei que preciso fazer algo importante, talvez tenha sido esse o motivo da minha distração.

- A senhora não vai ficar?
- Não posso, eu sinto muito, você entende, não é John?
- Claro, fique a vontade, senhora!
- Desculpe, eu preciso ir.
- Mas tia Clara, aonde vai?
- Para o escritório querida, volto logo.

Clara fechou a porta e num ímpeto saiu de seu apartamento, entrou no elevador e então desabou em lágrimas, ela não podia lidar com aquela situação e fez a única coisa que a podia aliviar naquele momento, ligou para Julia, sua única e verdadeira amiga.

- Julia, eu preciso de você!
- Clara, o que houve? Por que está chorando?
- Julia, por favor, venha me buscar, aconteceu algo terrível, por favor, me ajude!
- Onde você está?
- Estou no elevador do meu prédio.
- Eu estou indo, por favor, não faça nada, eu estou indo!

Aninhada dentro do elevador clara se portava numa posição quase fetal, o mesmo, estava entre andares; ela apertou o botão de bloqueio, Clara estava em prantos como se houvessem lhe roubado o chão.

- Clara, minha querida, o que lhe fizeram? Por favor, reaja minha amiga. Abra essa porta, por favor, eu preciso falar com você. Falou Julia através do interfone.

- Julia é você?

Clara ligou o elevador que de pronto desceu até o térreo e agarrou-se ao pescoço de Julia como se a sua vida dependesse daquilo.

- Clara, o que aconteceu, tenha calma, retenha esse choro minha amiga, o que lhe fizeram? Por favor, me diga!

- Julia, ele me enganou, John, ele está com a minha sobrinha!

- Como, eu não entendi? Você quer dizer o Elliot?

- Sim, seu nome era John Elliot, ele me enganou, agora está no meu apartamento de beijos e abraços com Paula.

- Clara, isso não pode ser possível, eu conheci o Elliot, ele se mostrou tão verdadeiro. Mas como isso pode ter acontecido?

- Julia, me leve daqui, por favor, eu não posso lidar com essa situação aqui.

- Sim eu levo, mas prometa-me que vai se recompor, não quero que os vizinhos fiquem lhe fitando, tenha forças, minha amiga, eu estou aqui com você!

Julia a levou para a sua casa, e então ela pode esclarecer tudo.

- Lembra-se que o Elliot disse que tinha viajado para ver o avô?

- Sim, isso faz três dias, você me contou!

- Ele estava com ela.

- Mas como isso é possível? Isso tudo é tão insólito para mim! E como ele conheceu a Paula?

- Ele fazia um curso de Artes, eu acho!

- Mas o Elliot, eu achava que a praia dele fosse a literatura! E por que você o chamou de John?

- Este é o nome dele John Elliot Robertson, eu não sabia que o primeiro nome dele era John.

- Mas Clara, vocês estão juntos há quase um ano, e não sabia o primeiro nome dele?

- Oh Julia, por favor, não me recrimine! Foi insensatez da minha parte, eu sabia que isso não iria terminar bem.

- E agora o que você fará? Ele é um escritor associado.

- Meu Deus, eu nem tinha pensando nisso, vou esperar que me procure e vou passá-lo para ser agenciado por outro Editor.

- Querida, eu sinto muito, você sempre foi a pessoa que mais admirei na vida. Clara, espero que consiga passar por tudo isso, e que venha esquecer este canalha.

- Julia, não sei o que faria sem você? Obrigada por me receber em sua casa, sabe que estou sem chão, mas acho que seu marido não vai gostar de eu estar aqui...

- Não tem problema, Clara, ele não vai se importar, pode ter certeza!

- Obrigada, minha amiga.

- Fique o tempo que quiser.

- Bem, eu só não queria ficar sozinha hoje, e só isso, amanhã eu volto para a minha vida.

- Não se sinta tão mal, melhor assim, Clara. Ao menos, agora você sabe com quem está lidando.

- É, mas vai ser difícil esquecê-lo, eu pequei pela minha ignorância, mas ainda o amo...

- Oh, querida, eu sinto muito, me perdoe por dizer isso, deve estar doendo muito...

- Acho que vai doer por muito tempo, mas a pior dor Julia e a da humilhação.

- Mas vai passar, vamos superar isso juntas, eu prometo que vou ajudá-la.

- Julia eu não sei o que faria sem você? Eu a amo minha amiga.

- Também a amo, querida, não se sinta assim mais...

Quando o marido de Julia chegou, ela logo tratou de anunciar.

- Querido, me desculpe, mas Clara vai dormir aqui hoje.

- O que aconteceu?

- Você não imagina?

- Entendo, diga a ela que fique o tempo que precisar!

- Obrigada querido, por ser tão compreensivo.

- Ah, mais isso vai lhe custar caro, quero muitos carinhos em troca.

- Hum... É mesmo... Vou pensar no seu caso. Você se importa de dormir no quarto de visitas?

- Não minha flor, claro que não, mas quando ela dormir. Dá uma passadinha lá!

- Homem, contenha-se, imagine se a Clara ouvir nossos rompantes aqui?

- Eu vou ser silencioso, prometo.

- Vou pensar no seu caso. Então o beijou com muito desejo, naquele momento, Julia respirou aliviada por seu marido se mostrar sempre um homem apaixonado.

- Clara, vim trazer-lhe esse cobertor e esses lençóis, mais tarde vou lhe trazer uma sopa, o que você acha?

- Estou bem querida, não se preocupe tanto.

- Tudo bem... Mas posso lhe trazer a sopa?

- Eu aceito sim, se não for muito incomodo.

- Não, meu bem, não é.

Depois da sopa...

- Querida, durma bem! Verá que amanhã, as coisas ficarão mais claras.

- Espero que sim.

Quando deu cinco da manhã, Clara pegou suas coisas, e paulatinamente saiu do apartamento de Julia, deixou um bilhete, dizendo que precisava ir se aprontar para o trabalho.

Julia não percebeu quando ela saiu, pois a noite dela e do marido foi muito intensa e foi dormir lá pelas quatro da manhã.

Porém Clara não pôde dormir bem aquela noite, pensou em Elliot, no primeiro encontro, na foto que a instigou conhecê-lo, nas alegrias que os dois viveram juntos, tudo era tão perfeito... Mas também pensou no peso da traição, na dor que ela sentiu ao ver sua sobrinha envolvida com o seu Elliot, sentiu-se enojada... Porém, ela precisava se reerguer. Lembrou-se do tempo em que era solitária, chorou, condoída por si mesma... E por mais que aquela situação a fizesse transbordar de dores; ainda era um alento lembrar que poderia superar tudo aquilo, já que em sua vida inteira ela precisou viver intensas e grandes privações.

Clara tomou uma ducha bem amena, nem fria e nem quente, e a cada minuto que passou ali naquele Box, ela se deixou inundar pela a certeza de que era melhor deixar o seu John Elliot seguir seu caminho. Afinal, ela jamais poderia magoar a sua sobrinha que acabara de sofrer uma perda infinitamente maior que a dela. Mas também veio uma convicção em sua mente, eu o colocarei na berlinda, se não for verdadeiro o sentimento que sente por ela, terá que deixá-la, pois não permitirei que a engane:
- Basta que eu sofra, não permitirei que engane minha Paula.

Clara naquele mesmo dia foi ao trabalho, e qual não foi a surpresa ao ver que o seu John Elliot batia a porta do seu escritório.

- Clara, o quê está acontecendo? Julia disse que eu não posso vê-la, não estou entendendo nada!

- Elliot, sente-se!

- Clara, quer que eu chame a segurança?

- Não, não será preciso, eu preciso falar algumas palavras com o nosso J. E. Robertson.

- Querida, o que está acontecendo? Por que está tão fria comigo?

- Sr. Robertson, por causa do imprevisto que aconteceu, e das circunstâncias atenuantes, eu preciso passar o seu contrato para outro Editor. Não se preocupe, nada do que aconteceu será comentado, sua ficha não será manchada.

- Clara, o que você está dizendo, meu amor? Eu não estou entendendo nada!

- Elliot, por favor, estou tentando conduzir tudo a bom termo!

- Querida, eu a amo, por que está me tratando assim? Eu não estou entendendo.

- Elliot, não se faça de inocente, estarei de olho em você, se proceder de forma errada novamente, e você sabe do que eu falo, eu te denunciarei ao Presidente desta Editora, e pode ter certeza, ele será menos complacente com você do que eu tenho sido.

- Clara, você só pode estar louca, o que eu fiz a você, meu amor? Eu só estive ausente três dias, e você me trata com essa indiferença?

- Sr. Robertson, não tenho mais nenhum assunto para tratar com o senhor, por favor, queira retirar-se. Aliás, sugiro que você procure um Psiquiatra, acho que você deve sofrer de transtorno bipolar.

- Julia, acompanhe o Sr. Robertson até a saída!

- Será um prazer, Sra. Wise!

- Julia, diga a ela que a amo. Por favor, você sabe que a amo, me ajude?

- Caia fora daqui, senão eu chamo a segurança!

- Não será preciso Julia, ele já está de partida.

Elliot acabou se tornando presença constante no apartamento de Clara, e a cada dia que o via, seu coração mais e mais se entristecia e era difícil de esconder sua dor de sua sobrinha.

- Tia Clara, a senhora está bem?

- Está tudo bem Paula, não se preocupe.

- Aconteceu algo com o Elliot? Notei que a senhora não fala mais nele.

- Nós terminamos, querida.

- Mas Tia Clara, como foi isso?

- Não quero que se preocupe, mas será que podíamos falar nisso outra hora, não me sinto preparada ainda.

- Está bem, Titia, não se preocupe, não vou importuná-la.

Naquele mesmo dia Elliot apareceu no apartamento, e Clara não podia mais suportar aquela situação e o confrontou, claro, num momento em que ele estava sozinho na cozinha.

- Você parece que tem um prazer pessoal nisso?

- Como é que é? Não entendi?

- Ora Elliot, por que esta se fazendo de escusado, diga logo de uma vez, por que está fingindo não me conhecer?

- Elliot, meu segundo nome é esse, mas eu não me lembro de ter mencionado isso a senhora.

Clara esbofeteou o rosto do rapaz, e disse com muita veemência: - Se magoar minha sobrinha eu mesmo terei o prazer de acabar com a sua carreira.

- Espere, você é a Clara do Elliot?

- O que você está dizendo? Por que insiste em me machucar? Não vê que estou arrasada?

- Meu Deus, você era a mulher que meu irmão estava apaixonado.

- Como?

- Clara, eu sinto muito, eu sinto muito mesmo, eu não poderia imaginar que você era a Clara do Elliot.

- O que você está dizendo? É mais uma de suas artimanhas?

- Clara, você nunca perguntou o primeiro nome do meu irmão, não é mesmo?

- Seu irmão, que sandice é esta que está dizendo?

- Olhe aqui, por favor, veja as fotos, meu irmão jamais a trairia.

- Isso é verdade? Você não está mentindo para mim, não é uma foto editada?

- Não, Clara, me desculpe, eu não associei você a ele em nenhum momento!

- Mas onde ele está? Diga de uma vez!

- Clara, se correr, ainda pode pegá-lo no aeroporto, que horas são agora?

- Que vôo, diga de uma vez, John?

- Para a Espanha, o das quatro horas.

- Meu Deus, são três e meia.

Clara, no ímpeto do momento, desceu as escadarias correndo, só deu tempo de pegar sua bolsa e correu para o hall de entrada do seu prédio.

Julia tinha acabado de dobrar a esquina, e gritou: - Onde você está indo?

- Eu preciso de um táxi!

- O Peter está aqui!

- Chame o depressa, precisamos ir ao aeroporto!

- Mas o que aconteceu?

- Eu te conto tudo no carro.

Na meia hora em que se seguiu ela relatou tudo para os dois que vibraram com a notícia de que tudo não passou de um engano.

- Clara, Deus a abençoe, eu custei acreditar que isso estava acontecendo, eu sabia, que ele estava destinado a você, eu sabia!

- Julia, pare aqui mesmo, eu preciso me apressar, senão o vôo parte.

Clara adentrou no saguão e foi a procura de Elliot, ela estava esbaforida de tanto correr, estava sem as lentes de

contato, e não tinha trazido óculos, e por alguns instantes ela sentiu que a sua vida havia acabado naquele momento, pois um avião acabara de decolar.

Clara sentou-se numa cadeira e chorou copiosamente.

- Senhora, a senhora está bem?

- O vôo para Espanha das quatro, já saiu?

- Sim, senhora, mas o próximo sairá daqui a uma hora.

- Ela, encostou-se na cadeira, e continuou chorando como se a sua vida perdesse todo o significado.

Então um jovem se aproxima dela, toca em seu ombro, e pergunta:

- Você, está bem?

Perdida em seus pensamentos, e com os olhos cheios de lágrimas, ela só podia responder:

- Perdi a chance de me reconciliar com o amor da minha vida!

- O que aconteceu?

- Eu o julguei mal, ele tinha um irmão gêmeo, e eu não sabia, eu não sabia...

Clara estava tão transtornada que nem olhou para trás para saber com quem estava falando.

- Não se preocupe, tudo vai se resolver.

- Não, não vai, ele foi para a Espanha. Desculpe despejar em você tudo isso, eu nem o conheço, você não entenderia, nem sei por que estou dizendo isso.

- Clara, você deveria andar com as suas lentes, já não me reconhece mais?

- Elliot? Mas como?

- Eu não consegui zarpar sem você!

- Meu amor, me perdoe, eu o amo, o julguei mal, seu irmão está com a Paula, eu só soube hoje.

- Isso não importa...

Eles se beijaram na ala de espera do aeroporto, e a alegria então voltou a inundar aqueles corações desejosos...

- Elliot, é mesmo você?

- E quem mais seria?

- Elliot, por que não disse que tinha um irmão gêmeo?

- Querida, eu jamais poderia imaginar que a sua Paula fosse a paixão do John. Meu irmão é um artista e passa a maior parte do tempo dando cursos de pintura pelo estado.

- E por que nunca me disse o seu nome todo?

- Bom, eu não sabia que se importava tanto com o meu nome, já que o ama tanto, te proponho algo.

Ele se ajoelhou diante dela e disse:

- Clara, gostaria de ser a senhora Jack Elliot Robertson?

Ela ficou calada por alguns instantes e balançava a cabeça em negativa até que gritou:

- Sim, sim e sim!!!

Peter e Julia que até então não tinham achado um lugar para estacionar, naquele momento encontraram os dois juntos e contemplaram o pedido. Os dois se abraçaram e se beijaram apaixonadamente, e se regozijaram pela felicidade daqueles dois que também foram destinados a ficarem juntos. Elliot e Clara, naquele mesmo saguão se beijaram convictos de que encontraram a felicidade que sempre, sempre, ansiaram...

Mas se querem saber...

Clara ainda guarda a foto que fez com que o seu Elliot a conhecesse, mas adora exibir outra foto mais preciosa, um pôster enorme encomendado especialmente para figurar na sala de estar do seu apartamento.

A foto que foi escolhida a dedo revela uma faceta importante do seu relacionamento: “O dia em que se casaram”.

Cupido...

Desculpem-me, eu não consigo resistir, toda a vez que conto essa história, acabo chorando, perdoem-me, está bem? Ora, não sou de ferro, em mim também bate um coração, sou feito de carne e sangue também! Ah, querem saber, parem de me atormentar, afinal, o “AMOR” também pode ser sentimental, não acham?

Bem, vamos mudar logo de assunto, senão acabo perdendo minha reputação e paciência. Que raio de lenço, que acaba sempre encharcado. O que estão olhando? Deixem-me em paz, não achem que eu não estou vendo essas caras de deboche, eu exijo respeito, hein?

Querem saber, sou um tolo, que adoro as cenas sentimentalóides... É assim que querem que eu seja, pois que seja, mas eu tenho meu orgulho, e não venham me olhar com estas caras de condescendentes, pois eu posso esquecer-me de flechá-los...

Percebi um certo medo aqui! Estou certo? Mas não se preocupem, sou um Cupido paciente. Então vamos a mais uma história, aposto que estão doidos para ouvi-la, não é mesmo? O que um pouco de ameaça não faz... E em se tratando de ameaça,

algumas pessoas tendem a se sentir ameaçadas e com isso; mesmo minhas flechadas não poderão reconstruir o que está perdido!

Santa Geni

Célia e Maria eram vizinhas muito futriqueiras, adoravam falar da vida dos outros, o que não é uma grande novidade em se tratando de mulheres. Mas não fiquem furiosas comigo, vocês que me lêem sabem que as mulheres têm um quê a mais para as novidades, talvez seja algo hormonal, ou quem sabe seja a facilidade que elas têm para elaborar diálogos, a união dos hemisférios esquerdo e direito do cérebro é clara e perceptível; a ciência está aí para provar isso.

Mas eu particularmente acho que elas nascem com essa pequena facilidade em argumentar, digamos assim. Mas tirando o lado bom da inteligência feminina, vamos falar dessa pequena deficiência hormonal. Sim, Célia e Maria eram um pouco fofoqueiras, mas nada de tão grave, afinal, uma fofquinha de vez em quando até apimenta as relações, assim pensavam.

Então chegou dona Geni no bairro, e dona Geni era uma mulher em pele de onça, ardente e desejável, voluptuosa e cheia de atrativos, as minissaias eram a sua marca registrada, e os vizinhos do bairro mordiam os lábios quando a viam.

Célia e Maria, as alcoviteiras, logo se encontraram para a sabatina da despudorada.

- Como pode? Olha lá, uma putana!
- É, bem se vê que aquilo não presta, olha só a saia, dá até para ver o rêgo... Ah desculpe.
- Não se desculpe, era o que eu estava pensando.
- Por que essas donas têm que vir logo para a nossa vizinhança, nossos maridos não param de comentar essa desprovida.
- Desprovida? Não entendi? A mulher está com tudo em cima.
- Ora Célia, desprovida de moral.
- Ah sim, é claro, tem razão.
- A gente precisa fazer alguma coisa, podíamos fazer uma reunião do bairro, quem sabe a mulherada acaba boicotando ela. Essa mulher é um perigo, olha só o assanho.
- É, você bem que tem razão!
- É claro que tenho, eu sempre tenho razão, sou justa, até onde conheço.
- É, você parece mesmo!
- Pareço?
- Ah não, eu quis dizer, você é... Claro! Suspirou por alguns instantes...
- E então, o que faremos, vai tentar marcar a reunião.
- Acho melhor não, vamos esperar o próximo passo dela.

Geni em pouco tempo estava muito envolvida com a comunidade, era uma mulher muito agradável e os homens do bairro, sempre muito solícitos, esbanjavam gentilezas a ela. Foi aí que Geni viu uma oportunidade:

- Essa mulherada está precisando remasterizar, vou ensinar umas dicas para as matronas.

Geni abriu uma escola de pompoarismo no local e convidou todas as mulheres para uma aula gratuita.

Não demorou para que algumas se fizessem de rogada, e outras externaram repúdio a novidade.

- Eu bem que disse, que assanhada, mulher maquiavélica, querendo acabar com a moral de nosso bairro, isso é uma vagaba, não passa de uma doente maliciosa.

- É mesmo, Célia? Pois eu fui à aula dela, e tenho uma novidade muito interessante pra você.

- É e qual seria, Marta?

- Faz cinco dias que trepo com o Agenor sem parar. Ele não sabe o que eu tenho, diz que estou com o bicho na carne.

- Não creio!

- Cala a boca Magda!

- É Maria, dona Célia!

- Ah desculpe, força do hábito.

- Quer saber, Célia, vou nessa reunião!

- Você não vai coisa nenhuma!

- Ih! Célia o que está acontecendo, agora deu para mandar na Maria? Bem se vê que vocês estão andando juntas de mais. Hoje tem reunião, já paguei para o mês todo, vocês podiam vir; a primeira é sempre gratuita.

- Vou nessa, tchau!

- Quer saber, eu vou!

- Maria, vai me deixar na mão?

- Ah, faz um mês que não transo com o Roberto, eu quero ver o que essa dona Geni vai fazer pela minha vida conjugal.

- Nossa você está assim?

- Ah... E você não está matando cachorro a grito?

- Claro que não!

- Nossa Célia, pensei que fossemos amigas?

- Tá, estou sim, estou subindo pelas paredes, era isso que queria ouvir? Faz cinco meses que o Fernando não me toca!

- Nossa, querida, eu sinto muito!

- Não sinta, ora, se não vejamos, quem é digna de pena aqui é você!

- Célia, porque me trata assim?

- Ah, saia já daqui Maria.

- Que coisa feia, sou sua amiga, por que me trata assim?

- Vamos, ponha-se para a fora daqui.

Meses depois...

- Oi Marta, tudo bem?

- Nossa, estou ótima e eu sei que você também está muito bem, olha que pele, que viço, sei o que anda fazendo.

- Pois é, nunca fui mais feliz no casamento, eu só precisava de um estímulo, era só.

- Pois é, Santa Geni.

- E a Célia, como está?

- Bem, eu não sei bem o que aconteceu com ela. O marido a largou!

- Não me diga!

- Pois é, ela não parava de comer bombom, e engordou horrores.

- Não acredito, coitada!

- É, sem sexo, logo a gente acaba procurando um substituto!

- Que pena, se ela tivesse conhecido a Dona Geni.

-Pois não é? Santa Geni!

Cupido:

Difícil foi creditar à Dona Geni a fama pelo ocorrido, salvar trinta casamentos de uma vez? Petulância da mulher, não acham? Mas se querem saber, ela era realmente uma onça, mas sou um Cupido compreensivo... O que não consigo é ser condescendente com alguns humanos, esses dois me deixaram de molho por longos anos, sempre que podia eu os flechava, confesso que quase perdi minha lucidez, achava que havia perdido o meu toque e então sem que pudesse prever...

A vida urge o Amor pode esperar?

A velha cadeira, sempre posicionada paralelamente à lareira que estava acesa, era inverno. Theodore se sentia confortável... O vinho, o mais encorpado, o companheiro de todas as horas, tinto, mas extremamente saboroso e sensorial. E bem naquela manhã, justamente naquela manhã, a melancolia o pegou de assalto, estava tão amargurado e tão inundado por sua vida que lhe faltava o ar.

Theodore sempre fora um Bon Vivant, do tipo que conheceu muitas mulheres e que se serviu de toda a sua fortuna para garantir isso. Amou-as, ainda que fora do coração. Mas hoje, o charuto cubano, que era sua marca registrada, quase o transformava numa caricatura e não lhe transmitia o prazer que desejava sentir.

A noite chegou indolente trazendo mais impacto em sua vida, pois o aniversário de cinquenta anos pareceu o afetar mais que o necessário. “Seria uma crise de meia idade?” Era a pergunta que ele fazia a si mesmo. Theodore amou uma única mulher em sua vida, mas esteve tão envolvido em desfrutes e deleites baratos que ela nem sequer ficou sabendo ou teve qualquer chance. Era covarde demais para se reconhecer apaixonado pela empregada Porto-Riquenha (Ana Porto Belo) até

seu nome soava como uma melodia transgressora, repleta de paixão e ardente desejo, porém naquela noite a imagem da mulher o fazia tremer de insegurança.

Bela, como ele a chamava, tinha uma beleza voluptuosa, suntuosa, era quase um fruto proibido, que se colhido o deixaria impregnado de uma nódoa... Os perdidamente apaixonados usariam dizer: “extremamente aprazível”.

A sua Bela, sempre esteve presente, foi sempre a mão carinhosa que o livrou das bebedeiras, que expulsou as visitas indesejáveis, que lavou o encardido de suas cuecas (quando ele pensava nisso, se sentia muito mal), e tirou o amargor de sua indolente solidão.

Pela primeira vez em sua vida, Theodore reconheceu-se vulnerável, inundado de si mesmo. Teve que encarar a dura pena de sua solidão, as ardentes dúvidas que o assolavam constantemente e, principalmente, os medos velados, forçando-se a beber o seu velho companheiro vinho, para ocultar de si mesmo a consciência de estar perdido.

E então, ela apareceu... Linda, ardorosa, marcada pelo tempo, mas ainda assim, extremamente desejável.

- Bela, eu preciso dizer-lhe algo.

-Sim, Sr. Richmond, o que deseja? Quer comer agora o seu aperitivo?

- Bela, eu preciso dizer algo muito importante, sente-se aqui nesta cadeira!

- O senhor está bem?

- Eu a traí, me perdoe!

- Traiu-me, e como isso seria possível?

- Você nunca soube, nunca soube, me perdoe...

- Nunca soube o quê?

- Perdoe-me Ana, mas eu sempre a amei. Vivi horas infundáveis de prazeres momentâneos, mas a verdade é que sempre fui um homem fútil e temerário, perdi todo o meu vigor e o melhor de mim por não querer admitir que você sempre foi a mulher que eu amei a vida inteira, e agora eu tenho pouco a lhe oferecer, mas ainda a amo, ainda a quero, se me quiser!

Ela sentada, olhava para ele quase que alheia a tudo aquilo, sua face muda. Isto doeu nele mais do que aquelas palavras duras que foram ditas com muita dificuldade. Ela puxou a cadeira, se aproximou dele; fez um carinho em seu rosto. Sua mão suave o levou a navegar num universo totalmente novo. Ele desejara por aquele toque, fechou os seus olhos e suspirou pelo carinho suave de Ana Porto Belo. Então, ela fez a única coisa que podia naquele momento... O esbofeteou.

Ele olhou para ela com muito medo, mas veio a outra bofetada e a outra, e a outra, uma seqüência de tapas. Então ele a tomou em seus braços e olhou veemente para ela, e sentenciou:

- Você me perdoa? Fazendo-se de forte, segurando o seu choro.

- Eu não sei se posso perdoá-lo, sabe quanto tempo eu esperei? Você tem idéia?

Aquelas palavras o feriram mais, pois ela estava ali, como sempre esteve; não era imaginação sua, ela sempre se mostrou inteira.

- Pensa que eu não sei que cheirava minhas roupas íntimas, enquanto eu o servia? Quantas vezes o vi indo às minhas gavetas para cheirar meus perfumes. Que homem é você? Por que me magoou desse jeito? Por que me tratou assim? Acaso sou tão diferente daquelas meninas que pegava para o seu desfrute? Sou uma mulher de carne e osso, desejosa. Acaso você se lembrou disso?

Ela tentou se desvencilhar do abraço dele, e então ele a beijou, o beijo mais forçado que teve que dar em sua vida, pois naquele momento ela fazia uma força descomunal para demonstrar-se sentindo enfastio dele. Então se rendeu...

Amaram-se ali naquela cadeira, o amor mais desvairado e perfeito que ele já provara em sua vida, o bocado mais saboroso, o regalo mais ardente e gostoso que foi dele e que foi dela.

Depois daquele amor avassalador ele a ameaçou com a pergunta:

- E então, você me perdoa?

- Não sei ainda, mas você terá o resto de sua vida para demonstrar que merece meu perdão.

Então ele fez a única coisa que desejava fazer há muito tempo, aninhou-se em seus seios fartos, enquanto ela, sentada em seu colo, alisava seus cabelos. Houve um momento em que ela sentiu algumas lágrimas rolando em seus seios, ela olhou para o céu, e num gesto impertinente, mas solícito, sorriu...

Cupido...

Theodore, bem que merecia ficar sozinho, mas ainda acho que o “AMOR” vence tudo, mesmo no final... Oh meu Deus, o que fiz? Agora sim, acabei com a minha reputação! Está bem, então confesso, sou um Cupido nostálgico e piegas, sensível eu diria; mas não me permitirei esmorecer, afinal, ver a felicidade de tantos por milênios é algo que acaba quebrantando até o maior dos corações de pedras.

A próxima história mexeu muito comigo, verdadeiramente... Apaixonei-me por esta mortal, a sua beleza e singeleza flecharam o meu coração. Eu sinto por dizer isso, mas foi o meu maior fracasso como Cupido, nunca mais revelarei isso, têm sorte de ouvir isso de mim; a verdade é que quando estou apaixonado, perco os meus poderes! E ela... Bem, conheçam a maior derrota e o ardor do meu dissabor...

Despertando o desejo

Sentada num banquinho próxima a Avenida Champs-Élysées ela olhava firmemente para o horizonte, respirando aquele ar tão diferente e convidativo, a atmosfera parecia a preencher como se ela devesse fazer parte daquele universo romântico e apaixonante. Paris, nunca fora tão bela, e tão pouco esteve tão próxima de ser dela como naquele dia. Ela usava um sobretudo vermelho comprado com as economias que guardara nos seis meses em que trabalhara na Cidade Luz. Ela estava pronta agora, era o que sentia, desejou tanto ser embalada pela grandeza daquela cidade maviosa que se preparou metodicamente para aquele dia. Seus cabelos, cuidadosamente penteados, emolduravam uma face ruborizada pelo ardor do frio. A sua beleza tão etérea conclamava os transeuntes a brindá-la em meio à imensidão daquela cidade tão elegante e perceptível.

Era o momento crucial, o momento que ela decidiu, seria gravado eternamente em sua memória, o dia em que se despediria de Paris.

Um jovem pintor se aproximou, ela pouco falava francês e o Inglês talvez pudesse salvá-la naquele momento. Suspirando ao vê-la, o rapaz disse:

- É impossível não se render a sua beleza. Peço que fique por alguns minutos, pois preciso gravar essa cena tão perfeita.

- Sim, disponho de alguns minutos.

Naqueles poucos minutos de pura inspiração, o jovem e talentoso pintor registrou a cena mais emblemática que aconteceu na Paris daquele dia. A Preciosa Cidade Luz, diante de uma beleza tão rara como a da moça, pareceu se curvar ao pincel daquele jovem pintor.

Ela não quis ver o quadro, temia talvez chorar pela saudade que já ardia no seu coração. Seu visto acabara de expirar, sua passagem estava já comprada, mas a sua volta para o Brasil não a incomodava mais, ela tinha ao menos aquela certeza; Paris fora dela naquelas poucas horas, como já mais havia sido nos seis meses de grandes labutas e tropeços em que se encontrou ali.

Ela sempre aspirou pela Europa, mas Paris era um deslumbre, e um desejo vivo, real e precioso. Ela não resistiu aos apelos da cidade e no seu íntimo sonhou por arrebatado o coração de algum jovem estrangeiro na esperança de prolongar a sua estada ali, mas isso não aconteceu. Verdade é que já não mais importava, ela estava voltando, com uma única e verdadeira certeza, Paris certamente continuaria a ser cortejada, assim como fora por ela durante seis meses.

Sua chegada ao Brasil foi tão calma como esperada, voltou às suas origens, mas trazendo consigo uma bagagem mais rica, repleta de emoções indescritíveis.

Depois de alguns meses, ouviu-se falar da ascensão de um jovem e brilhante pintor que acabara de arrematar uma de suas obras por cinco milhões de euros. A notícia percorreu os jornais de todo o mundo, pois o quadro intitulado “A jovem que iluminara Paris” fez nascer o desejo de conhecer aquela linda mulher que não tinha nome, nem nacionalidade, mas que rendeu a todos com a sua beleza etérea.

Ao ouvir essas notas no jornal, ela em seu coração disse para si mesma: - Que pena, gostaria de ter ficado mais na França e ter conhecido essa jovem de rara beleza que inspirou uma obra de tão grande valor. Ela nunca viu a obra em questão.

Posfácio

Dei tantas flechadas naquela moça, mas o meu pobre coração estava tão repleto de paixão, que a única coisa que consegui foi fazer com que o jovem pintor arrematasse a sua obra por um preço inestimável.

Quanto à jovem, sempre que posso ainda a visito, eu não tive coragem de render-me a esse “AMOR” a dor de ter perdido Psique, fez com que eu fosse enlaçado pela loucura, tornei-me um tolo!

Mas um dia, quem sabe! Talvez me faça humano, e no êxtase de uma grande paixão, eu troque minha solidão por um sopro de amor que suavize minha existência.

Enquanto isso... Sigo sozinho, entorpecendo de “AMOR” aqueles que por ele aspiram, sendo cantado nas mais lindas poesias, e canções de valor. Piegas, talvez, sentimental, em todo o tempo, um pobre infeliz que, em sua sina, dispersa a arte por onde passa. Julguem-me como quiserem! Só não se esqueçam que as flechas deste que vos fala deixarão seus dias mais coloridos e, talvez, repletos de significados... E agora, só resta uma última, mas por certo, a mais acertada das perguntas: - Desejam ser flechados?